

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MAÍRA MENDES MAGELA

**As expressões nominais referenciais na construção do Humor nas
crônicas de Agamenon**

VITÓRIA

2017

MAÍRA MENDES MAGELA

As expressões nominais referenciais na construção do Humor nas crônicas de Agamenon

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Estudos Linguísticos PPGEL, do departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de concentração: Estudos sobre Texto e Discurso. Orientador: Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Junior.

VITÓRIA

2017

A DEUS pela proteção e benção nesta vitória alcançada.

*Aos meus pais, José Carlos e Sônia
Dalva, que me deram a vida.*

*À minha família, que me apoiou em
todos os momentos.*

*Aos meus amigos que com cumplicidade e
companheirismo contribuíram com a minha
formação.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma atitude de reconhecimento daqueles que são essenciais para alcançar uma vitória. Concluir esta etapa da minha formação não foi fácil, desde o início, nos estudos para o processo seletivo, até a conclusão desta dissertação, eram muitas pedras no meio do caminho, como diria Drummond.

Mas por meio da minha fé em Deus e com o apoio dos meus pais consegui chegar até esta tarefa de escrita, a qual, de fato, sinaliza que este trabalho chegou ao fim.

Confesso que me faltam as palavras exatas para expressar a minha demasiada emoção, ao escrever estes agradecimentos, já que esta página nos transporta para as memórias e para todos os percalços atravessados ao longo do mestrado.

Primeiramente, agradeço à Deus, meu Pai, que me sustentou, por meio da fé, não deixando eu perder a esperança de realizar mais este sonho. À Nossa Senhora da Penha, por sua leal proteção que me fortaleceu em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, José Carlos e Sônia Dalva, por acreditarem em mim e, acima de tudo, por terem feito dos meus sonhos os seus projetos de vida. E mais, por serem meus grandes professores, que não só me deram a educação necessária, como também, apesar de toda simplicidade e humildade, me ensinaram os verdadeiros valores da vida que me fizeram hoje o que sou.

Ao meu exemplo maior de estudante e professor, meu irmão Mateus, que, *a priori*, me incentivou a ingressar no universo das Letras, ao fazer essa opção na graduação, e por ser um professor pesquisador de sua prática, no qual me espelho no exercício da minha profissão de professora.

A toda a minha família, que, mesmo estando em outro estado, sempre me apoiou em meus projetos. Em especial, aos meus avós, José Iveral, Maria, Efigênia e Aristóteles, por sempre vibrarem e se orgulharem por cada conquista que alcancei.

Aos meus amigos e às minhas amigas, que, apesar da minha ausência devido à demanda de trabalho, me apoiaram com palavras de estímulo e motivação. Agradeço, particularmente, à Débora, minha amiga-irmã, por sua lealdade e seu companheirismo, e aos amigos-companheiros de pesquisa, Dean e Priscila, já que, caminhando juntos, conseguimos o nosso título de Mestre.

Ao professor Rivaldo, pela sua dedicação e paciência ao longo do processo de orientação deste trabalho. Profissional de conhecimento imensurável, cujos ensinamentos levarei para toda vida acadêmica.

Aos professores da banca, pela leitura atenta e pelas contribuições que, certamente, contribuíram para as conclusões desta pesquisa. Especialmente, à professora Penha Lins, que me incentivou, em suas aulas, no primeiro período da graduação, a realizar o mestrado em Linguística. Jamais esquecerei das suas aulas em que ficava evidente a sua paixão pela Linguística.

A todos os meus professores que contribuíram com a minha formação, principalmente, agradeço à professora Adrete Grenfell, com quem aprendi a amar a minha profissão, com quem aprendi o verdadeiro papel do professor na vida de um aluno. Agradeço também por todos os ensinamentos acerca do texto e da linguagem, os quais foram proporcionados por meio das nossas leituras, dos nossos projetos de iniciação científica e dos nossos trabalhos desempenhados no Projeto Releitores.

Ao jornalista, escritor e humorista Marcelo Madureira, por ter me recebido, dando total atenção e disponibilidade, oferecendo, inclusive, apoio e informações necessárias para a realização deste trabalho de dissertação.

Por fim, não menos importante, agradeço aos meus alunos, com os quais aprendo todos os dias que é necessário manter o brilho nos olhos ao realizar uma nova descoberta.

“Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a
sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o 'de', o 'aliás',
o 'o', o 'porém' e o 'que', esta incompreensível
muleta que me apoia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave,
surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a
mão.
Puro susto e terror”

(Adélia Prado)

RESUMO

Esta dissertação, inserida na perspectiva sociocognitiva e interacional dos estudos do texto, busca respaldo teórico-metodológico nos trabalhos de Mondada e Dubois (2003 [1995]), Apothéloz (2003 [1995]), Conte (2003 [1996]), Francis (2003 [1994]), Cavalcante (2011), Koch (2004), Koch e Marcuschi (1998), Koch e Elias (2006, 2009) e Van Dijk (2012), a fim de analisar a referenciação nas crônicas de Agamenon, publicadas nos meses de junho e julho de 2015. A pesquisa objetiva investigar como os objetos de discurso Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff são apresentados e retomados com vistas à manutenção e à progressão textual, bem como averiguar, na dinâmica discursiva, a participação desses processos referenciais para a produção do humor nas crônicas que constituem o *corpus* deste trabalho. Para tanto, este trabalho parte das concepções de humor de Possenti (1998), Travaglia (1990), Lins (2012; 2015), das abordagens filosóficas de Bergson (1987) e Propp (1982), das descrições semânticas propostas pela Teoria de Script Semântico do Humor de Raskin (1987), bem como dos trabalhos empreendidos por Lins e Gonçalves (2012) e Tafarello (2014). A fim de analisar e descrever como se estabelece a ironia, baseou-se no trabalho de Paiva (1961) a respeito dos recursos linguísticos que atribuem ironia e comicidade ao texto. A proposta deste trabalho é relevante para os estudos da linguagem, uma vez que se busca traçar uma relação entre os processos referenciais e o estabelecimento do humor no texto, constituindo, assim, um estudo interdisciplinar. As análises revelam que as expressões nominais referenciais instauram humor ao texto, visto que a deflagração do humor pode estar relacionada a mecanismos linguísticos ou de ordem ideológica, histórica, social, cognitiva e cultural.

Palavras-chave: Linguística Textual. Expressões Nominais Referenciais. Crônica. Humor.

ABSTRACT

This dissertation is inserted in the sociocognitive and interactional perspective in order to analyse the reference in the Agamemnon chronicles, published in the months of June and July of 2015, it seeks theoretical-methodological support in the works of Mondada and Dubois (2003 [1995]), Apothéloz (2003 [1995]), Conte (2003 [1996]), Francis (2003 [1994]), Cavalcante (2011), Koch (2004), Koch and Marcuschi (1998), Koch and Elias (2006, 2009) and Van Dijk (2012). The research aims to investigate how Luiz Inácio Lula da Silva and Dilma Rousseff speech objects are presented and retrieved for maintenance and textual progression, as well as to investigate, in the discursive dynamics, the participation of these referential processes to produce humor in the chronicles which compose the *corpus* of this thesis. Therefore, this work is based on the conceptions of humor from Possenti (1998), Travaglia (1990), Lins (2012, 2015), Bergson's (1987) and Propp (1982), from the semantic descriptions proposed by Raskin (1987) in the theory of Semantic Humor Script, as well as the endeavours works by Lins and Gonçalves (2012) and Tafarello (2014). In order to analyse and describe how the irony is established, it was based on Paiva's (1961) work, regarding linguistic resources that attribute irony and comedy to the text. The proposal of this work is relevant for language study, since it seeks to find a relation between the referential processes and the humor establishment in the text, thus constituting an interdisciplinary study. The analysis reveals that referential nominal expressions attribute humor to the text, since the deflagration of humor can be related to linguistic mechanisms or ideological, historical, social, cognitive and cultural.

Key words: Textual Linguistics. Referential Nominal Expressions. Chronic. Humor.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Processos Referenciais	24
Quadro 2 – Crônica 1.....	94
Quadro 3 – Crônica 2.....	94
Quadro 4 – Crônica 3.....	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I REFERENCIAÇÃO: TEXTO E CONTEXTO EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA E INTERACIONAL	
1.1 Concepção de texto e de contexto na Linguística Textual	17
1.2 A referenciação como atividade discursiva.....	19
1.2.1 Estratégias de progressão referencial.....	22
1.2.2 As cadeias anafóricas.....	23
1.2.3 Funções cognitivo-discursivas das expressões referenciais.....	25
1.2.3.1. Função Argumentativa das expressões nominais.....	28
CAPÍTULO II HUMOR E IRONIA	
2.1 O campo do humor.....	33
2.2 Teorias do Humor.....	34
2.2.1 Humor na Filosofia.....	36
2.2.2 Humor na Linguística.....	40
2.3 A Ironia.....	44
2.3.1 O Conceito de Ironia.....	44
2.3.2 Recursos linguísticos propulsores de ironia.....	45
CAPÍTULO III O GÊNERO CRÔNICA	
3.1 A Origem da Crônica.....	49
3.2 Crônica: o impasse entre Jornalismo e Literatura.....	53
3.3 Classificações de Crônica.....	56
3.4 Agamenon: uma proposta de crônica de humor.....	59

CAPÍTULO IV PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Método de pesquisa.....	64
4.2 A trajetória metodológica.....	64
4.3 Constituição do <i>corpus</i> de análise.....	65
4.3.1 Agamenon: o jornalista fictício.....	66
4.3.2 O contexto: o Brasil no segundo mandato de Dilma.....	68
4.4 Categorias e Procedimentos de Análise.....	70

CAPÍTULO V REFERÊNCIAÇÃO E HUMOR

5.1 Análise das Crônicas.....	73
5.1.1 Cadeia referencial das crônicas analisadas.....	93

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	99
-------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Esta Dissertação insere-se na linha de pesquisa sobre texto e discurso do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, cujo objeto de estudo é a referenciação em crônicas de Agamenon, publicadas nos meses de junho e julho de 2015.

Muitas pesquisas em Linguística Textual têm revelado que as expressões nominais referenciais realizam várias funções cognitivo-discursivas de grande importância na construção textual do sentido. Desse modo, as expressões nominais são utilizadas para se referir a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo co-texto. Assim, possibilitam a sua (re)ativação na memória do interlocutor, por meio do encapsulamento ou das anáforas indiretas, bem como o estabelecimento da continuidade do texto. Vale ressaltar que, para Koch (2006), essa é uma função própria das nominalizações que sumarizam as informações contidas em segmentos precedentes do texto (informações-suporte), encapsulando-as sob a forma de uma expressão nominal referencial, isto é, transformando-as em objetos de discurso.

A referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva; especificamente, no que tange à produção escrita. Isso se comprova na realização do processo de referência, uma vez que as escolhas realizadas pelo produtor do texto são orientadas pelo princípio da intersubjetividade, razão pela qual os referentes são construídos e reconstruídos ao longo do fazer textual (KOCH, 2009).

Nesse sentido, pressupõe-se que o processamento de um texto depende não só de características textuais, mas também de características sociocognitivas dos usuários da língua (KOCH, 2008). Os coenunciadores são, além de “caçadores de sentidos”, “estrategistas de comunicação”, visto que precisam ser capazes de mobilizar, de forma estratégica, o contexto sociocognitivo apropriado para possibilitar-lhes, no momento da interação verbal, a construção de um sentido para o texto (KOCH 2006).

Atualmente, pesquisas em Linguística Textual têm dividido os estudos com outras temáticas e interesses científicos, obtendo resultados, quem apresenta teor interdisciplinar. Esses trabalhos buscam trabalhar tanto com os textos orais, escritos e visuais, multimodais ou não, reconhecidos como prototipicamente humorísticos, entre os quais piadas, cartum, charge, tirinhas e esquetes, quanto com gêneros que

contenham elementos de comicidade, dos quais podem ser citadas as crônicas, as cartas de leitor e os editoriais.

Nesse cenário, o que despertou curiosidade para a realização deste trabalho é a possibilidade de estudar o fenômeno do humor a partir da ocorrência de (re)categorizações nos textos. Para isso, utiliza-se como suporte teórico os estudos da Linguística Textual base sociocognitiva e interacional, os quais servem como gatilho na construção da comicidade.

Seria um equívoco dizer que este trabalho pretende resolver todas as interrogações que a produção do humor traz em si. A investigação no campo do humor requer um estudo interdisciplinar, a fim de buscar as respostas nos postulados dos estudos da linguagem. Assim, esta dissertação propõe contribuir com as reflexões acerca dos estudos que envolvem o humor, por isso se propõe um trabalho, cujo *corpus* se constitui em crônicas.

A escolha do *corpus* se justifica no fato de grande parte das pesquisas sobre humor se concentrarem majoritariamente nas piadas ou em outros gêneros de natureza humorística. Mediante a isso, percebeu-se no estudo da crônica uma oportunidade de ampliar os estudos acerca do humor.

Em especial, escolheram-se as crônicas de Agamenon, uma vez que, os seus autores, Marcelo Madureira e Hubert Aranha, são popularmente conhecidos como humoristas que se propõem a realizar um trabalho, não só a serviço do riso, mas também à criticidade; expondo, assim, acontecimentos históricos e políticos que marcam a sociedade brasileira. Inclusive, talvez seja esse o principal critério para a escolha do *corpus*: o recorte temático das crônicas, as quais abarcam fatos políticos que constroem a história do país, que marcam um período conturbado do cenário político nacional, que, posteriormente, desdobrar-se-ão em novos arranjos.

Logo, as crônicas de Agamenon estabelecem uma circunstância ideal para analisar as relações existentes entre a referenciação, o humor e, não menos importante, a construção do posicionamento do autor.

A pesquisa objetiva investigar como os objetos de discurso Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff são apresentados e retomados com vistas à manutenção e à

progressão textual, bem como averiguar, na dinâmica discursiva, a participação desses processos referenciais para a produção de humor nas crônicas selecionadas, tais como: “Volume Broxa”, “Dilma Sapiens”, “A dieta da Dilma”. Essas crônicas versam sobre acontecimentos políticos que circulam os grandes noticiários à época, estabelecendo uma circunstância necessária para analisar as relações existentes entre a referenciação e a construção da opinião do autor do texto.

Nesse escopo, as questões que orientam a investigação são: 1) como se processam a construção e a reconstrução dos objetos de discurso (ou referentes) Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff em crônicas de Agamenon? 2) como os processos referenciais (introdução referencial e anáforas) contribuem para a construção de sentidos de humor na medida em que garantem a apresentação e a transformação dos objetos textualmente mencionados?

Para comprovação desta pesquisa, as seguintes hipóteses orientam o trabalho: 1) os processos de introdução referencial e de anáforas são estratégias sociocognitivas e interacionais de relativa estabilização dos objetos de discurso Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff e são decisivos para a orientação argumentativa que Agamenon deseja imprimir às crônicas; 2) os processos de retomada anafórica, além de manter e fazer progredir os referentes, fazem surgir as recategorizações, responsáveis pela ampliação/transformação dos referentes instaurados, servindo de gatilho na construção do humor.

Por meio desse recorte teórico metodológico proposto, esta pesquisa justifica-se, dada a importância de se investigar as expressões nominais, como um fator fundamental para a constituição dos quadros de referência que orientam a interpretação dos enunciados resumidos bem como apontam a direção argumentativa do discurso. Para isso, conforme Koch (2004), é necessário embasar-se nos aspectos criativos da linguagem e dos sujeitos como atores sociais envolvidos na negociação dos sentidos. Ressaltando, assim, que a ordem argumentativo-subjetiva terá prevalência sobre a operação linguístico-coesiva das escolhas lexicais das expressões nominais, já que a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade, a qual é inscrita na relação intersubjetiva dos coenunciadores em relação ao espaço e ao tempo da enunciação.

Este estudo sobre a referenciação e o humor em crônicas de Agamenon constitui-se de cinco capítulos, além desta introdução, das considerações finais e das referências. No primeiro capítulo, apresentam-se, em perspectiva sociocognitiva e interacional, os conceitos de texto e contexto, de referenciação e das funções referenciais. Busca-se, portanto, respaldo teórico-metodológico nos trabalhos de Mondada e Dubois (2003 [1995]), Apothéoz (2003 [1995]), Conte (2003 [1996]), Francis (2003 [1994]), Cavalcante (2011), Koch (2004), Koch e Marcuschi (1998), Koch e Elias (2006, 2009) e Van Dijk (2012).

O segundo capítulo, *Humor e Ironia*, se destina ao campo do humor e de seus mecanismos mais presentes nas crônicas analisadas: a ironia. Desse modo, valendo-se de Bergson (1987), Propp (1982), Raskin (1985), Lins (2002, 2015), Lins e Gonçalves (2012), Tafarello (2014), Possenti (2010) e Travaglia (1900), foram retomados os principais questionamentos acerca do humor bem como a sua relação interdisciplinar com a Linguística Textual.

No terceiro capítulo, *A crônica em questão*, apresentam-se os aspectos que norteiam o gênero textual crônica, a fim subsidiar as análises. Primeiramente, discute-se a origem desse gênero e, depois, traça-se uma discussão acerca de sua natureza com base no suporte em que é veiculado, a fim de delimitá-lo como jornalístico ou literário. Por último, comenta-se acerca das especificidades que permeiam a crônica humorística, em especial, as crônicas de Agamenon. Para tanto, lança-se mão principalmente, dos estudos empreendidos por Bender e Laurito (1993), Candido (1992), Costa (2008), Melo (1985) e Moisés (2003).

O quarto capítulo se refere aos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, tais como a escolha do *corpus* e a delimitação das categorias de análise. Assim, situou-se a origem do autor fictício das crônicas em estudo, Agamenon, bem como o contexto sociopolítico e histórico em que essas se localizam. Em seguida, detalham-se os procedimentos e as categorias de análise dos processos referenciais, a introdução referencial e as anáforas indiretas e encapsuladoras.

Já no quinto capítulo, *Referenciação e Humor*, o trabalho caminha para a análise do *corpus*, em que referenciação e humor se relacionam, com a finalidade de comprovar

como as expressões nominais referenciais contribuem para a deflagração do humor no texto.

Por fim, nas considerações finais, chega-se à conclusão de que as expressões nominais referenciais são mecanismos linguísticos em potencial para a produção de humor, uma vez que a seleção dessas expressões pode ser considerada como uma manobra lexical, de modo que permite constatar a opinião do autor sobre o assunto em discussão bem como atribuir humor ao texto.

CAPÍTULO I REFERENCIAÇÃO: TEXTO E CONTEXTO EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA E INTERACIONAL

Neste capítulo, apresenta-se a concepção de texto e de contexto, que, atualmente, vigora nos estudos em Linguística Textual (doravante LT), de perspectiva sociocognitiva e interacional. Além disso, discute-se a noção de referenciação que norteia o desenvolvimento desta pesquisa. Tal noção compreende a referenciação como uma estratégia textual-discursiva em que estão envolvidos, de forma situada, os elementos linguísticos e os aspectos contextuais.

1.1 Concepção de texto e de contexto na Linguística Textual

De acordo com Fávero e Koch (1983), Koch (2004, 2008) e Marcuschi (2007, 2008), a Linguística Textual (doravante LT) inicia-se, no Brasil, na década de 80 do século passado. Recentemente, com o avanço das suas pesquisas e sua inter-relação com outras áreas do conhecimento, em especial, com os estudos da interação e da cognição, a língua(gem) passa a ser entendida como ação compartilhada entre sujeitos sociais, e o processamento textual, quer em termos de produção ou de compreensão, pressupõe a mobilização de aspectos linguísticos, sociais, culturais e cognitivos.

Nessa perspectiva teórico-metodológica que vigora atualmente nos estudos sobre o texto no campo de investigação em que este trabalho se situa, o processamento textual envolve muito mais que fatores internos ao texto. Sabe-se que os sujeitos, ao realizarem ações textuais, submetem-se a um conjunto de circunstâncias de natureza interacional, cultural e social, as quais determinam e são determinadas por suas práticas, e, mobilizam de forma situada, percepções e sistemas de conhecimento, socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos (KOCH, 2004).

Dessa maneira, toma-se como pressuposto a concepção de língua como prática social e historicamente situada, que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação. Compreende-se que, conforme Marcuschi (2007), que os elementos linguísticos que compõem a explicitude do texto não podem ser analisados *per se*, mas como fontes (pistas) para as interações, pois é na interação que emergem as significações.

Ao assumir tal pressuposto, entende-se o texto como evento comunicativo-interativo, para o qual concorrem ações linguísticas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997). Este trabalho parte, então, do pressuposto, segundo Elias (2015), de que o texto é uma construção que demanda um conjunto de conhecimentos (de língua, de textos, de interação, de mundo) pressupostamente compartilhados pelos sujeitos envolvidos na interação, o que implica compreender que a constituição do texto e de seu sentido requer uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas.

Em relação ao contexto, mais do que o entorno físico, social ou cultural, é preciso compreendê-lo como uma coconstrução dinâmica e situada. De modo alargado, o contexto é um conjunto de suposições, que, no curso da interação, vai se (re)modelando, e engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos sociais (KOCH; ELIAS, 2006, 2009).

Nessa perspectiva sociocognitiva, van Dijk (2012) entende que os contextos são modelos mentais (estruturas cognitivas), subjetivos por definição, mas que consideram práticas socioculturais e intersubjetivas. Por isso, eles são constantemente elaborados, reformulados e atualizados em eventos comunicativos e nas interações.

Os modelos de contexto constituem outro aspecto fundamental na teoria de van Dijk. Concebidos como modelos mentais mais gerais, eles “organizam o modo como adaptamos nossas ações à situação social ou ao entorno, [...] organizam os modos como nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global” (VAN DIJK, 2012, p. 107). Envolvem o conhecimento dos sujeitos acerca da situação de interação.

Operando com essas concepções, pode-se compreender o contexto como construções mentais, forjadas nas experiências sociais e individuais e atualizadas por pistas textuais e por aspectos das interações, com as quais os sujeitos operam na produção/compreensão dos textos. Daí, o entendimento de que texto e contexto estão intrinsecamente vinculados.

Desse modo, em processos referenciais, os sujeitos mobilizam negociadamente modelos mentais e de contexto (VAN DIJK, 2012) e ao longo da interação.

Em outras palavras, a (re)construção referencial se realiza não apenas com base em pistas linguísticas e na sua forma de organização, mas também é

fruto dos conhecimentos prévios dos sujeitos, de suas vivências e percepções (inter)subjetivas e da atualidade da interação (CAPISTRANO JÚNIOR, 2017).

É nessa concepção de texto e de contexto que este trabalho busca investigar a referencialização, “fenômeno textual-discursivo dos mais relevantes para a produção/compreensão de sentidos” (CAVALCANTE, 2012, p. 95) e sua função para a produção do humor em crônicas de Agamenon.

1.2 A referencialização como atividade discursiva

De acordo com Capistrano Júnior (2017), os estudos em referencialização, tal como entendidos por Mondada e Dubois (2003 [1995]), Apothéloz (2003 [1995]), Conte (2003 [1996]) e Francis (2003 [1994]) são implementados no Brasil por Koch e Marcuschi (1998), Koch e Marcuschi (1998). Na esteira dos pesquisadores franco-suíços, Koch e Marcuschi estabelecem três pressupostos delineadores dos estudos sobre referencialização: i) da indeterminação linguística, que entende a língua como ação situada, trabalho cognitivo e atividade social, não como sistema autônomo que se esgota no código; ii) da ontologia não-atomista, segundo o qual o mundo (realidade extramental) não se encontra completamente discretizado, identificado e demarcado, uma vez que a discretização do mundo empírico não é um dado apriorístico, mas uma elaboração cognitiva; iii) como consequência dos pressupostos anteriores, da referencialização como atividade discursiva e negociada, não extensional, que desencadeia a construção de objetos de discurso, marcados por uma instabilidade constitutiva.

De acordo com Marcuschi (2007), a língua é mais do que uma simples mediadora das coisas mundanas, uma vez que a relação linguagem-mundo não é biunívoca, mas configurada por ações conjugadas, social e cognitivamente. A língua não se presta ao trabalho de etiquetagem para o reconhecimento das coisas do mundo.

Nessa visão, preconizam-se a instabilidade e a flexibilidade das categorias, o que evidencia a não correspondência entre as palavras e as coisas. Nesse sentido, recorre-se aos ensinamentos de Mondada e Dubois (2003, p. 33-34):

não se pode mais considerar nem que a palavra ou a categoria adequada é decidida *a priori* no mundo, anteriormente a sua enunciação, nem que o locutor é um locutor ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra

adequada dentro de um estoque lexical. Ao contrário, o processo de produção das sequências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.34).

Desse modo, os sujeitos categorizam o mundo de acordo com as práticas e vivências culturais às quais se associam. Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Para Ciulla (2008, p. 23), a categorização é um procedimento cognitivo por meio do qual os interlocutores “percebem o mundo e, ao fazê-lo, também distinguem, classificam e designam as coisas à sua volta”. Assim, a categorização não se limita a nomear o mundo em uma relação de correspondência, mas abrange o processo de conceitualizar e referir a esse mundo pelo discurso, resulta das diversas formas de ação que sujeitos sociais estabelecem com o mundo biossocial e cultural, bem como o papel de suas experiências e conhecimentos na construção conceitual.

Já a recategorização (APOTHÉLOZ, (2003 [1995]) é um processo referencial por meio do qual o referente já introduzido passa por transformações, as quais são perceptíveis pelo emprego de expressões nominais renomeadoras.

Dessa forma, os sujeitos intersubjetivamente constroem e reconstroem objetos de discurso (ou referentes), levando em conta o contexto na acepção apresentada anteriormente. Nesse processo, há um ajustamento das palavras às práticas sociointerativas; afinal, “a maneira como nós dizemos as coisas aos outros é decorrente de nossa atuação linguística sobre o mundo com a língua, de nossa inserção cognitiva no mundo e de componentes culturais e conhecimento diversos” (MARCUSCHI, 2007).

Portanto, os objetos do mundo aos quais o discurso faz referência são “objetos constitutivamente discursivos”, são gerados na enunciação; em outras palavras, eles se elaboram numa dinâmica discursiva, não fazem uma simples remissão linguística.

Devido a esse fato, não se usa a noção de referência, e sim de referenciação, pois não é simplesmente um ato de designação do mundo, mas de uma construção dinâmica por meio do discurso.

(...) passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente, às categorias manifestadas no discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.20).

Os objetos de discurso são, pois, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva (KOCH, 2013, p. 34). Isso revela um processamento estratégico do discurso, em que o material linguístico fica à disposição dos locutores para representar os estados de coisas em função de uma proposta de sentido.

Koch (2004, p.83) ressalta que os referentes se constituem discursivamente por meio de três estratégias

Ativação: pelo qual um referente textual, até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo) na rede conceptual do modelo de mundo textual. A expressão linguística que o representa permanece em foco na memória de curto termo, de tal forma que o referente fica saliente no modelo.

Reativação: um nóculo já introduzido é novamente ativado na memória de curto termo, por meio de uma forma referencial, de modo que o referente textual permanece saliente (o nóculo continua em foco).

Desativação: ativação de um nóculo, deslocando-se a atenção para um outro referente textual e desativando-se, assim, o referente que estava em foco anteriormente. Embora fora de foco, porém, este continua a ter um endereço cognitivo (locação) no modelo textual, podendo a qualquer momento ser novamente ativado.

As estratégias de referenciação contribuem para a progressão textual, à medida que introduzem, retomam e desfocalizam os referentes no processo discursivo do texto.

1.2.1 Estratégias de progressão referencial

Koch (2002, p.85) indica três formas linguísticas que promovem a construção de cadeias referenciais, por meio das quais se procede à categorização ou recategorização de referentes. Esses recursos podem ser de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios etc.) ou de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais etc.). A autora aponta três formas linguísticas de progressão referencial textual:

- a) uso de pronomes ou elipses (pronome nulo);
- b) uso de expressões nominais definidas;
- c) uso de expressões nominais indefinidas.

A pronominalização (pronomes, numerais e advérbios pronominais) e a elipse (pronome nulo) constituem pistas para a (re)ativação de referentes. A pronominalização pode ocorrer com ou sem um referente cotextual explícito, o que exige dos sujeitos a mobilização de processos cognitivos e discursivos na (re)construção de referentes via inferenciação. Já a elipse é a omissão de um item lexical que em suas predicacões pode ser recuperado pelo contexto.

As expressões nominais podem se constituir de um determinante (artigo definido e indefinido, pronomes demonstrativos e possessivos), de um nome-núcleo e de um modificador (adjetivo com valor positivo ou negativo, oração relativa etc.), sendo a configuração básica o determinante e o nome-núcleo.

Quanto às expressões nominais indefinidas, Koch (2002) diz que, embora não sejam normalmente adequadas para a retomada de referentes já introduzidos, elas podem, em certas circunstâncias, desempenhar tal função.

Nesse sentido, Koch (2002, p. 104-105) indica e exemplifica os três principais casos em que as expressões nominais indefinidas podem funcionar na reativação de referentes:

- 1) quando se seleciona um referente no interior de um conjunto já mencionado. *Ex. Um grupo de colegas entrou na sala;*
- 2) quando se nomeiam partes de um referente previamente mencionado ou, então, conscientemente, não se especifica melhor o referente, para criar

um efeito de suspense. Ex. *Preciso consertar o telhado. Uma telha está quebrada;*

3) quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação que veicula do que o prosseguimento da cadeia coesiva. Ex. A velha senhora desaba sobre a cadeira da cozinha. E quando sua amiga chega, não encontra a avozinha, mas *um montinho de infelicidade, uma coisinha danificada e confusa* (KOCH, 2002, p.104-105 apud SCHWARZ, 2000, p 59-60).

As expressões referenciais se (re)constroem em práticas discursivas de acordo com o projeto de dizer dos sujeitos. Desse modo, Koch (2002, p. 106) assinala-se que esse processo, além de garantir a progressão referencial, indica uma dada orientação argumentativa, crenças e atitudes dos produtores do texto; podendo, ainda, sumarizar segmentos do texto.

1.2.2 As cadeias anafóricas

Ao serem instituídos no discurso, os referentes são, normalmente, percebidos no texto por meio de expressões nominais referenciais, entendidas como escolhas linguísticas estrategicamente realizadas. Assim, ao ser introduzido no texto, um referente pode ser mantido, retomado ou servir de base para novas introduções referenciais, propiciando a construção de cadeias referenciais e assegurando a progressão textual.

Outra estratégia de construção de um objeto de discurso relaciona-se à continuidade referencial. Um referente presente no texto pode estar associado diretamente a um elemento presente no cotexto e, para esses casos, Cavalcante (2011) utiliza o termo anáfora direta ou correferencial. Todavia, há situações em que um referente está vinculado de forma não direta a um elemento cotextual, em que são percebidas - a partir de indícios do contexto - ligações entre o referente e outras fontes do texto, portanto, de maneira implícita. Essas fontes funcionam como âncoras (MARCUSCHI, 2007), que permitem inferir a continuidade existente para o processo de interpretação. Assim, as anáforas indiretas constituem condições de retomada não pontual.

Em síntese, processos anafóricos promovem a continuidade referencial por meio de anáforas que retomam ou remetem para um referente. Nesse processo, há, ainda, a possibilidade de a expressão anafórica indireta não remeter a um referente pontual,

mas a porções textuais antecedentes ou subseqüentes, constituindo casos de anáforas encapsuladoras (CONTE, 2003).

Já as expressões nominais rotuladoras (FRANCIS, 2003 [1994]), um tipo de anáfora encapsuladora, condensam porções textuais do cotexto e promovem a avaliação dos estados de coisa por meio de sintagmas nominais plenos. Desempenham, ainda, uma função organizacional importante, uma vez que sinalizam quando o autor do texto está passando a um estágio seguinte de sua argumentação, por meio do fechamento do anterior. Dessa forma, as formas remissivas nominais realizam uma importante função na introdução, mudança ou desvio de tópico, bem como de ligação entre tópicos e subtópicos.

Essa proposta de classificação das expressões referenciais é ilustrada no seguinte quadro síntese, proposto por Cavalcante (2011):

Quadro 1- Processos Referenciais

Processos referenciais atrelados à menção			
Introdução Referencial	Anáfora (continuidade referencial)		
	Anáforas diretas (Correferenciais)	Anáforas indiretas (Não correferenciais)	
		AI (propriamente ditas)	Anáforas encapsuladoras

Fonte: Quadro elaborado por Cavalcante (2011, p. 86).

Cavalcante (2011, p. 119) avança nessa proposta classificatória ao defender que “os processos referenciais não precisam, necessariamente, estar associados à menção de expressões referenciais para serem introduzidos no universo de discurso criado a partir do texto”; podendo, então, serem construídos sem a existência de indícios cotextuais. Por isso, “toda entidade referida é construída sob a pressuposição de que de algum modo vai tornar-se acessível na interação”.

Nessa perspectiva, o que se evidencia é a forma como os objetos de discurso, sem necessariamente menção prévia no cotexto, podem ser recuperados ao longo do texto, até irem se estabilizando e, em seguida, se desestabilizando, “num jogo de coconstrução que só chega ao seu termo quando os participantes se dão por

satisfeitos com algum tipo de consenso para cada circunstância” (CAVALCANTE, 2011, p. 112).

Cabe ainda ressaltar que, segundo Cavalcante (2011), o fato de haver objetos já evocados de alguma forma por pistas explícitas no cotexto se opõe aos casos de introdução referencial, quando os objetos de discurso são introduzidos pela primeira vez no texto. Os processos referenciais atrelados, portanto, à menção são a introdução referencial, cuja função é introduzir formalmente um novo objeto de discurso no texto, e as anáforas (diretas e indiretas) são responsáveis pela promoção da continuidade referencial. No entanto, Cavalcante (2011) atenta para a questão de continuidade referencial não ocorrer obrigatoriamente com a manutenção do objeto de discurso.

Quando o mesmo referente é retomado, dizemos que a anáfora é correferencial. Mas nem toda continuidade, ou seja, nem toda anáfora é correferencial, porque nem todas retomam o mesmo objeto de discurso. Quando acontece de não haver correferencialidade, a continuidade se estabelece por uma espécie de associação que os participantes da enunciação elaboram por inferência (CAVALCANTE, 2011, p.61).

1.2.3 Funções cognitivo-discursivas das expressões referenciais

As expressões nominais referenciais desempenham funções cognitivo-discursivas de grande valia na construção de sentido(s) do texto. Koch (2004) apresenta as funções discursivas que são utilizadas como referências fundamentais em trabalhos realizados nesta área. São apresentadas as seguintes funções discursivas: (a) ativação/reativação na memória; (b) encapsulamento (sumarização) e rotulação; (c) introdução de informações novas; (d) organização macroestrutural; (e) especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo; (f) construção de paráfrases definicionais e didáticas; (g) orientação argumentativa; (h) categorização metaenunciativa de um ato de enunciação.

A (re)ativação na memória como forma de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo cotexto precedente, possibilita o seu resgate na memória do interlocutor, ou seja, a alocação ou focalização na sua memória ativa (ou operacional). Por outro lado, ao operarem uma recategorização ou refocalização

do referente (ou, em se tratando de nominalizações, ao encapsularem e rotularem as informações-suporte, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa.

Tratam-se de funções próprias das nominalizações o encapsulamento e a rotulação, já que sumarizam as informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as sob a forma de uma expressão nominal e transformando-as em objetos de discurso. Conforme, Schwarz (2000 apud Koch, 2002), são nomes-núcleos inespecíficos que exigem realização lexical no cotexto. Essa especificação contextual, realizada a partir das proposições suporte que veiculam informações relevantes, constitui uma seleção particular e única dentre uma infinidade de lexicalizações possíveis.

É comum observar o uso de hiperônimos com função anafórica, a fim de atualizar os conhecimentos do interlocutor. Instaura-se, portanto, uma anáfora especificadora, que ocorre nos contextos em que se faz necessário um refinamento de categorização. Outro aspecto que pode ser salientado é o uso de paráfrases realizadas por expressões nominais com a finalidade de elaborar definições. Tais paráfrases de caráter deficional ou didático propiciam, inclusive, a introjecção na memória de um novo léxico. A vantagem dessa estratégia, segundo Koch (2004), é permitir ao autor do texto se adaptar às necessidades do leitor, já que permite definir um termo ou introduzir um vocábulo técnico de modo mais conciso.

Nota-se, como essencial para a construção do texto, a introdução de informações novas, a qual pode ocorrer por meio de: relações de parassinonímia e novas caracterizações do referente. A primeira se estabelece por meio de uma anáfora nominal introduzida por demonstrativos que apreendem o referente sob denominação que constitui um sinônimo mais ou menos aproximado da designação presente no cotexto, trazendo, neste caso, informações novas a respeito do objeto de discurso, por nomeá-lo por um termo que dificilmente seria previsível pelo leitor. Já a segunda se trata da introdução de informações inéditas a respeito do referente, com o intuito de caracterizá-lo de determinada maneira.

Muito frequente em textos de teor argumentativo, como no caso desta pesquisa¹, a orientação argumentativa pode ser realizada pelo uso de expressões nominais como uma estratégia de manobra lexical, de modo que permite constatar a opinião do autor sobre dado tema em discussão.

Koch (2004) aponta que o uso de expressões nominais, muitas vezes, introduz a categorização e/ ou avaliação de um ato de enunciação realizado. Fato esse que corrobora com a tese de que os chamados “referentes” são, na verdade, objetos de discurso que se (re)constroem durante a interação verbal.

Os objetos de discurso são, portanto, altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual. (KOCH, 2004, p. 79).

Cabe ressaltar, acerca das estratégias de referenciação, a rotulação. Segundo Francis (2003), um rótulo se constitui em uma anáfora encapsuladora de núcleo nominal que resume uma porção de texto e inaugura um novo referente e, portanto, um novo tópico² discursivo.

Nesse caso, Carvalho (2005, p.43) afirma que cabe ao sujeito saber entrelaçar o dito, com o já dito e o sugerido, a fim de promover uma compreensão significativa, coerente e aproximada com o que se estima ser o projeto de dizer do autor da mensagem. Todas as construções linguísticas do texto têm efeitos de sentidos provocados pelo material de que se dispõe o sujeito e pela sua habilidade em estabelecer ligações e processar informações que adquire com as que já possui em mente. Desse modo, o que importa é o tipo de informação semântica que irá mobilizar bem como os processos pertinentes para o seu uso concreto.

A respeito disso, Carvalho (2005, p.43) conclui que há uma dinâmica textual intensa, envolvendo tanto cotexto quanto contexto, já que o sujeito utiliza uma série de estratégias, não excludentes, mas sim complementares, formando uma rede em

¹ No capítulo que se dedica às análises do *corpus* de pesquisa, a função de orientação argumentativa será demonstrada nas crônicas de Agamenon.

² O tópico é o assunto que dota o texto de coerência e, em torno dele, podem versar vários temas. Suas principais propriedades são de centrar e de organizar as informações que se articulam no texto (Jubran apud Cavalcante, 1993).

permanente construção e com amplas possibilidades de arranjos semânticos, a partir do levantamento de hipóteses.

Nessa perspectiva, Cavalcante (2015) diz que o texto deixa de ser um veículo neutro de conteúdos preexistentes, uma vez que não deve ser pensado dentro de uma concepção representacionista, pela qual a linguagem estabelece uma correspondência cartográfica entre o mundo dado e as palavras que o representam. Nas palavras de Cavalcante (2015):

O texto instaura sua própria realidade, seu próprio universo de discurso, dentro de uma visão interacional e praxeológica da linguagem, porque ele está imbricado nas práticas sociais em que se efetiva. Por essa visão, não há conteúdos e saberes estáveis nem no mundo nem na linguagem, isto é, nem a realidade, nem as palavras, nem os referentes são imutáveis. Se há significados e denotações culturalmente registrados – e sempre há –, eles entram imediatamente num jogo de desestabilização e estabilização a cada momento em que são usados no enunciado, de tal sorte que, no uso (e o texto é sempre uso), sentidos e referentes se tornam uma reconstrução negociável, um contínuo processo de ação e de atenção conjunta, uma “referenciação” (CAVALCANTE, 2015, p.44).

Tal progressão referencial somente é possível devido às expressões nominais referenciais, as quais indiciam os referentes, apresentando-os ou retomando-os por meio de elementos de ordem gramatical ou lexical são capazes de designar e identificar um objeto (dentre esses, indivíduos, fatos, ações, estados de coisas) construído no/ pelo texto.

Logo, é a escolha dos termos que formam as expressões nominais referenciais o elemento responsável por ressaltar propriedades ou fatos relativos ao objeto de discurso, por propiciar o ponto de vista do produtor do texto acerca do objeto e, inclusive, já que se trata do foco investigativo deste trabalho, deflagrar o humor.

1.2.3.1 Função Argumentativa das expressões nominais

As análises das crônicas que compõem o *corpus* desta pesquisa permitiram constatar que as expressões nominais desempenham uma expressiva função avaliativa que orienta a argumentação do autor. Desse modo, à medida que o autor retoma os objetos de discurso Dilma e Lula, ele também se posiciona a respeito desses objetos, deixando claro para o leitor a sua opinião.

Vale lembrar que, para Koch (2002, p. 106), a função das expressões referenciais não é apenas referir. Muito pelo contrário, como multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando opiniões, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva. Com isso, sem dúvidas, “as expressões referenciais são precisamente um dos lugares onde a manipulação é não só possível, como visível” (KOCH, 2002, p. 106).

Koch (2002, p. 105), a partir de um trecho retirado de um jornal de grande circulação, exemplifica como as expressões nominais referenciais direcionam a argumentação do texto:

O dossiê Caribe é mais um fato nebuloso do governo FHC e de alguns de seus amigos tucanos – acusados de manter contas secretas no exterior.

O lobby pró-governo abafou o caso. A mídia chapa-branca nunca se cansou de publicar que o dossiê era um amontoado de papéis forjados. É possível que a maior parte do papelório fosse mesmo fajuta. Mas e o resto? (Fernando Rodrigues, o “Dossiê regurgitado” (Folha de S.Paulo, 05/04/00).

Conforme observado no exemplo dado, Koch (2002, p. 105) afirma que na função de recategorização argumentativa pode ser também realizada apenas por meio do nome-núcleo ou pelo acréscimo de modificadores avaliativos, sejam eles positivos sejam negativos, os quais permitem evidenciar a relação íntima entre referenciação por formas nominais e argumentação.

Mediante a isso, essa seção propõe descrever a função avaliativa desempenhada pelos processos referenciais, sob o viés do trabalho de Ciulla e Matos (2016), o qual é resenhado, a fim de esclarecer como tal função constitui a orientação argumentativa do texto.

Primeiramente, em consonância com a noção de função avaliativa proposta por Ciulla e Matos (2016, p. 262), tem-se que tal função é desempenhada por processos recategorizadores que mais se destacam na construção da argumentação, já que a atribuição de valor axiológico relaciona-se de maneira muito estreita à condução argumentativa dos enunciados. Essa noção se respalda na constatação de que:

Há função avaliativa quando da ocorrência de uma denominação axiológica, que corresponde a um juízo de valor formulado na recategorização. Ao contrário, para a autora, a função não avaliativa é determinada pela ausência

de juízos de valor na denominação recategorizadora. (MATOS, 2005 apud CIULLA e MATOS, 2016, p.263).

As autoras partem do pressuposto de que

o sentido é atribuído no momento da interação e não está disponível de antemão, o apontamento e a designação são, então, fundamentais, pois são esses procedimentos que definem as escolhas de itens lexicais e as estratégias de como apresentá-los, ao mesmo tempo em que também são definidos por elas. É aí que revela também a orientação argumentativa dos enunciados, parte dela engendradora, então, pela recategorização. (CIULLA e MATOS, 2016, p. 260).

Antes de proceder com a descrição da função avaliativa, vale a pena reportar aos estudos iniciais acerca da recategorização, os quais as autoras Ciulla e Matos (2016, p. 261) ressaltam que as noções desse fenômeno empreendidas por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) enfocaram na passagem de uma denominação padrão do referente, corresponde ao “nível base” de categorização, em prol da adaptação de sua expressão substitutiva a possíveis fins persuasivos do autor.

Assim, Ciulla e Matos (2016, p. 261) esclarecem que a “recategorização lexical”, a qual ocorre sempre que determinadas expressões referenciais, ao contrário de se traduzirem por uma relação de identidade significativa, mantêm entre si diferenças lexicais que refletem as transformações sofridas pelo referente, no decorrer do processo discursivo.

As autoras relembram que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) estabelecem que a explicitude nas recategorizações ocorre com a manifestação de caracterizações sobre os objetos mediadas por anáfora, a partir de um item lexical reiterado e modificado por expressões ou por um novo sintagma nominal. Enquanto a implicitude ocorre quando o acréscimo de sentido se dá por meio de um pronome, retomando, assim, um objeto, transformando-o de algum modo.

Desta maneira, a compreensão dos autores a respeito da natureza argumentativa, na condição de expressões referenciais, reduz-se apenas a um tipo específico, por eles classificado de “recategorização por argumentação”, isolando-a como característica de um tipo particular de “recategorização lexical explícita”, momento em que uma expressão metafórica ou lexema marcado axiologicamente exibe o ponto de vista do autor do enunciado produzido. (CIULLA e MATOS, 2016, p. 261).

Em contrapartida, nas análises realizadas nesta dissertação, adota-se o mesmo viés de Ciulla e Matos (2016, p. 262), “visto que se compreende a argumentação como função comum a todas as categorizações, e não apenas àquelas marcadas por um item lexical pontual. ”

Nessa perspectiva, em consonância com Ciulla e Matos (2016, p. 272), considera-se que a argumentação é constituída discursivamente, pois não há, exatamente, um item lexical especializado, *a priori*, que concentre nele mesmo a avaliação, e sim um modo de apresentar o fato, revelando uma opinião.

Por outro lado, as autoras salientam que os traços semânticos dos nomes não podem ser desprezados, visto que, muitas vezes, um traço semântico evoca um valor axiológico. Logo, “a noção de que o valor axiológico está nas inferências que fazemos, inclusive, nas que nos são proporcionadas pelo léxico (...), portanto, a atribuição de sentido e a argumentação se dão na enunciação, num processo discursivo” (CIULLA e MATOS, 2016, p. 272).

Sob à luz dos estudos de Ciulla e Matos (2016), conclui-se, em linhas gerais, que o viés argumentativo do enunciador faz parte do processo anafórico. Sendo a razão para isso o fato de os aspectos que compreendem o processo de recategorização cumprirem uma função argumentativa. Para além dessa função, é notório que “as recategorizações, ao longo do processo discursivo, organizam a condução argumentativa, capturam argumentos dispersos e promovem as relações de intersubjetividade, reforçando a função argumentativa do enunciador. ” (CIULLA e MATOS, 2016, p. 275)

Levando-se em conta o que foi observado a respeito da relação existente entre argumentação e referenciação nesta seção a partir das resenhas realizadas, reiteram-se as palavras de Koch (2010), a fim de afirmar que a construção do fio argumentativo do discurso é atuante na ação persuasiva, pois, para poder agir sobre o outro, atribui-se argumentatividade aos enunciados. E a referenciação, por sua vez, tem participação fundamental nesse processo, visto que a construção do argumento, em um texto, com a qual o sujeito possa agir sobre o outro, ocorre por meio da

categorização do objeto de discurso que, para Koch (2008), constitui-se como o processo de função argumentativa no discurso:

tanto a categorização como a recategorização de um objeto de discurso têm função argumentativa. Ao recategorizar um objeto já categorizado anteriormente, o locutor o apresenta sob novas luzes, enquadra-o em novas categorias, procurando chamar a atenção para novas qualidades/propriedades deste que considera necessário enfatizar para a realização de seu projeto de dizer (KOCH, 2008, p. 110).

Em outras palavras, visto que os processos referenciais, tais como a introdução de um referente, as anáforas, o encapsulamento do objeto, constroem-se a partir das escolhas lexicais para que o autor atinja o seu projeto de dizer, a referenciação é instituída por meio de um *continuum* de práticas de (re)categorização, instauradas sociocognitivamente no discurso.

CAPÍTULO II HUMOR E IRONIA

Este capítulo discute teorias sobre humor, que fundamentam as análises sobre a relação entre processos referenciais e a produção do humor em crônicas de Agamenon, as quais constituem o *corpus* desta pesquisa.

Para tanto, este trabalho parte das concepções de humor de Possenti (1998), Travaglia (1990), Lins (2002; 2015), Lins e Gonçalves (2012), das abordagens filosóficas de Bergson (1987) e Propp (1982), bem como das descrições semânticas propostas pela Teoria de Script Semântico do Humor de Raskin (1985).

Posteriormente, na seção destinada à ironia, é resenhado o trabalho de Paiva (1961) acerca da estilística da ironia, o qual serviu de base para as análises das crônicas. A partir desse referencial teórico-metodológico, foi possível descrever e analisar como são formadas as expressões nominais que retomam os objetos de discurso Dilma e Lula e como elas contribuem para a ironia e, conseqüentemente, instauram humor no texto. Dos recursos linguísticos irônicos propostos por Paiva (1961), notou-se que o emprego do adjetivo depreciativo e a deformação fonética são traços que constituem a estilística das crônicas analisadas de Agamenon, os quais serão esclarecidos neste capítulo.

Tais estudos permitiram traçar um diálogo entre o humor e a linguagem, por exemplo, trazendo à tona o seu caráter interdisciplinar.

2. 1 O campo do humor

Antes de apresentar as teorias acerca da produção do humor, cabe resgatar, por meio das palavras de Lins e Gonçalves (2012), a sua origem.

Segundo a “teoria dos humores”, de Hipócrates (séc. V a.C.), havia no corpo humano quatro líquidos ou humores (sangue, bílis negra, bílis amarela e fleuma), que eram relacionadas a quatro órgãos secretórios (coração, baço, fígado e cérebro) e, também, a elementos cósmicos (ar, terra, fogo e água). O predomínio de um desses humores, ou líquidos, era o que iria determinar o temperamento de cada indivíduo, que poderia ser sanguíneo, melancólico, colérico ou fleumático. (LINS e GONÇALVES, 2012, p.17).

Da Antiguidade até então, o conceito de humor se modificou. Hoje, o humor está atrelado à comicidade, à graça, à capacidade de notar a realidade ou de fugir dela. Inclusive, para Bergson (1987), o humor é inerente ao humano, visto que se trata de uma estratégia de escape da sua realidade.

Travaglia (1990), por sua vez, considera o humor como algo que vai além da capacidade de provocar o riso:

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios (TRAVAGLIA, 1990, p.55).

Além disso, esse mesmo autor ressalta a importância do humor como instrumento de crítica social, uma vez que é, por meio dele, que o sujeito externa o seu ponto de vista acerca dos entraves que permeiam a sua realidade; “[...] o humor permite a crítica onde ela seria impossível de outro modo” (TRAVAGLIA, 1990, p.68).

Outra definição da qual se valerá esta dissertação é a de Possenti (1998), o qual afirma que “o que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica [...]” e, ainda, considera que é inútil dizer que o humor é algo cultural, visto que não é somente ele, e sim todas as coisas (comportamentos, outros textos etc.) que o são, visto que “o humor é cultural, mas o é apenas no sentido de que tudo o é.” (POSSENTI, 2010, p.139).

A partir dessas premissas acerca do conceito de humor, que sustentam este trabalho, considerando-o como uma atividade inerentemente humana e de caráter social, cultural, crítico e denunciador.

2.2 Teorias do Humor

Atualmente, os estudos enfatizam que o humor provoca uma atitude do homem diante da sociedade. Nesse sentido, faz-se preciso investigar quais os mecanismos que motivam o riso; para tanto, pergunta-se por quê e de que se ri. A fim de encontrar uma

resposta para essas questões, vários estudos no campo da Antropologia, da Psicologia, da Sociologia e da Linguística se destinam a analisar os mecanismos propulsores de comicidade. Visto que a língua é um organismo vivo e, como tal, diferentes enunciados surgem de acordo com a necessidade de cada ambiente e interação, não se deve limitar o estudo da produção do humor somente aos fatores linguísticos, pois, assim, o “motivo que faz o engraçado ser engraçado deixa de ser percebido” (LINS e GONÇALVES, 2012, p. 18).

Com isso, vê-se que o estudo do humor é interdisciplinar, já que envolve tanto questões linguísticas como socioculturais e psicológicas, porque “a produção do humor se faz a partir dos processos interativos, nos quais não só os fenômenos linguísticos, mas também fatores de ordem psicológica e social geram condições para a produção do humor” (LINS, 2002, p. 18).

A respeito das diferentes abordagens que o estudo do humor propicia, essa mesma autora afirma que:

na busca para explicar os mecanismos que propiciam a produção de humor, um fator bastante explorado diz respeito aos aspectos interacionais e fenômenos linguísticos, com vistas a tentar descrever o que se faz o engraçado ser engraçado, e não apenas estabelecer o que é engraçado. (LINS, 2015, p.158)

É notória a complexidade que é esclarecer a constituição do humor, em especial, a partir da análise de diferentes produções textuais, refletir sobre os recursos responsáveis por gerar o efeito de humor. Os atuais estudos que se dedicam a essa questão³ constataam que a deflagração do humor pode estar relacionada a fatos de ordem linguística ou não, como é o caso de questões ideológicas, históricas, sociais, cognitivas e culturais; sendo a produção do humor, geralmente, explicada pela mobilização de mais de um recurso.

Nesse sentido, visto que um dos objetivos que norteiam este trabalho é investigar a deflagração do humor, faz-se necessário elucidar os mecanismos geradores de

³ A exemplo dessas investigações, destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Carmelino (2009, 2010, 2011), Carmelino e Figueiredo (2009), Carmelino e Trentin (2010), Lins (2015).

humor. Por isso, a seguir são resenhados estudos de alguns autores de significativa contribuição, teórica e fundamental para as análises das crônicas.

2.2.1 Humor na Filosofia

A perspectiva bergsoniana

O filósofo francês Henri Bergson propôs, ainda no final do século XIX, em seu ensaio sobre a significação do cômico, “O riso”, que não há comicidade fora do que é humano, sendo o único animal que ri, bem como que faz rir também. Para o autor, o riso é insensível, a sensibilidade nunca estará associada ao cômico, isto é, o homem só ri de algo com que não está emocionalmente envolvido ou quando não se lembra por um momento da afeição que sente.

Além dessa situação, o homem não ri quando se sente solitário, já que o riso é um fenômeno que ocorre no coletivo. Apesar disso, o autor destaca que o riso apresenta uma função social, logo, algumas piadas são engraçadas em algumas culturas enquanto em outras não, pois é relativa aos costumes e às ideias de sociedades particulares.

A teoria bergsoniana propõe, então, que o riso é uma reação inconsciente que visa preservar as relações sociais, sendo, portanto, um gesto social que visa agregar um comportamento inadequado que compromete a coesão do grupo. O riso seria, então, empregado instintiva e coletivamente pelas pessoas que riem como uma repressão aos desvios de comportamento daquele que parece estar alienando a si mesmo do convívio social pleno. Resume ele: “A comicidade exprime, acima de tudo, certa inadaptação particular da pessoa à sociedade.” (BERGSON, 1987, p. 100)

Nessa perspectiva, Bergson (1987, p.19) afirma que o riso é sempre em grupo, sendo determinado por um conjunto de atitudes que são discriminadas e colocadas como desvios perante uma comunidade. A identificação de um ato cômico ou humorístico, por meio de um chiste ou piada, aponta para a afirmação de gestos sociais que violam com uma conduta ideal.

A teoria bergsoniana ressalta que não é um acontecimento brusco que implica o riso, mas sim o acaso, causando certo impulso ou rigidez mecânica. Logo, quanto mais

natural for a causa do riso, mais comicidade terá. Essa naturalidade do riso é apontada pelo filósofo como algo que “nos obriga a cuidar imediatamente de parecer o que deveríamos ser, o que um dia acabaremos por ser verdadeiramente” (BERGSON, 1987, p. 18).

Além disso, o filósofo defende que deformidades também eclodem o riso, é o caso da feiura cômica, a exemplo, um rosto que parece estar rindo incessantemente, ele é cômico por que de forma involuntária expressa uma ação simples e mecanizada.

Quando esses casos traços de rigidez são relacionados a certo desvio intrínseco à pessoa, tem-se a comicidade da caricatura:

Por mais regular que seja uma fisionomia, por mais harmoniosa que suponhamos as suas linhas, por mais flexíveis os movimentos, jamais o equilíbrio dela será absolutamente perfeito. (BERGSON, 1987, p.22)

O filósofo francês esclarece que é possível compreender o cômico quando a linguagem exprime ou cria. Ainda quando a linguagem exprime o cômico, há a possibilidade de traduzi-lo para outra língua, podendo, assim, perder o seu vigor, por ser levado a uma cultura nova, em que há outros conhecimentos de mundo, outro tipo de relações, mas sem perder o sentido. E claro, quando a linguagem cria o cômico, não é possível traduzi-lo, pois as escolhas das palavras devem-se à estrutura particular da língua.

Conforme Bergson (1987), uma frase para se tornar cômica, necessita ter sentido em si mesma e ainda um signo, o qual mostre que foi pronunciada automaticamente. Ao tornar cômica uma expressão, as frases podem expressar um sentido físico e um moral, sendo a frase tomada em um sentido próprio e utilizada em um sentido figurado.

Lins e Gonçalves (2012, p. 22) apontam outras formas de comicidade na linguagem apresentadas pela teoria bergsoniana: a) a inversão de frases, conservando-se o sentido; b) a interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase; c) o trocadilho, que é o método menos apreciado de interferência, pois, aparentemente apresenta na mesma frase dois sentidos diferentes, feitos conforme os sons que emitem; d) o jogo de palavras, quando duas ideias realmente opostas se sobrepõem em uma mesma frase, a inversão e a interferência não passam de jogos de palavras; e e) a comicidade da transposição, em que se transpõe uma expressão a uma outra tonalidade, como na paródia.

A perspectiva proppiana

O filósofo russo Vladimir Propp, em sua obra “Comicidade e riso”, propõe investigar o cômico nas variadas manifestações artísticas, como o teatro, a literatura e a pintura. Para Propp (1992), a comicidade decorre da percepção de algo ridículo ou por algum defeito oculto ser revelado repentinamente, o autor também salienta que “[...] a estupidez é o objeto principal de nossa zombaria, a maior fonte do cômico [...]” (PROPP, 1992, p. 108).

Existem, de acordo com o filósofo russo, dois diferentes risos: o satírico e o humorístico, sendo o primeiro de zombaria e o segundo não. O riso satírico relaciona-se ao cômico e tem uma função de controlador social, em contrapartida, o riso humorístico é natural, isento de significação ideológica ou social. Propp conclui que o aspecto de riso que mais intimamente revela a comicidade é o riso de zombaria, visto que esse tem por função evidenciar defeitos quer explícitos quer implícitos.

Conforme Propp (1992), esses dois tipos de riso se desdobram em vários outros, como riso de zombaria, riso de curta duração, riso bom, riso maldoso, riso alegre, riso ritual e riso imoderado. Lins e Gonçalves (2012, p.29-31) resenharam todos esses tipos de risos, apontando as seguintes características:

- a) riso de zombaria: está relacionado à sátira, por isso é intrinsecamente ligado ao cotidiano. Para que esse aconteça, é preciso que exista um objeto ridículo e alguém que ria dele. A comicidade provocada por ele varia conforme a cultura, os costumes, as épocas e os povos. Acontece que cada povo possui seu próprio e específico sentido de crítica e de humor, que, às vezes, não é compreendido em outras épocas ou em outros povos.
- b) riso de curta duração: a graça encontrada no que é imprevisível faz com que o riso tenha curta duração. Uma situação, ou uma piada desse tipo só proporcionará o riso no primeiro momento que surgir, pois, na segunda ou terceira vez que ocorrer, não haverá mais graça, pois não terá mais surpresa.
- c) riso bom: pode se manifestar nas mais diversas formas, não para satirizar, mas sim para mostrar o lado cômico ou diferente de uma situação ou pessoa,

denominando, assim, as caricaturas. Nesse tipo de riso, as pessoas riem de algum defeito do outro, por prazer, sem o intuito de zombar de algo ou alguém.

- d) riso maldoso: trata-se do contrário do riso bom, visto que frisa os defeitos, antes escondidos pelo riso bom, são aflorados pelo riso maldoso. Esse riso não está relacionado à comicidade, e sim à antipatia, porque a desgraça e a infelicidade alheias são os temas dele, já que os defeitos são enfatizados e ressaltados.
- e) riso alegre: não possui relação com defeitos humanos, surge por qualquer motivo. Diferente do riso maldoso, que é um riso individual e expressa prazer e triunfo de um único ser; o alegre é o melhor riso, pois é sem causa e está sempre ligado ao sentimento coletivo que une os homens.
- f) riso ritual: considerado como um riso artificial, que merece reprovação, entretanto, ele já foi visto como uma cerimônia indispensável para se viver. Para os antigos, ele era obrigatório, assim como o choro, que independente de sentir dor ou não, devia-se expô-lo como forma de lamento.
- g) riso imoderado: não consegue ser controlado, relacionado às classes inferiores da sociedade. É considerado pelas estéticas burguesas como o mais inferior. Apesar disso, é um riso diferente, ele não zomba, nem satiriza, é de natureza fisiológica, demonstra a satisfação animal do ser humano.

Dentro da categoria do riso de zombaria, existem várias causas para o riso, desde que o riso se origine de manifestações do ser humano, reafirmando a teoria de Bergson de que não existe o riso fora do que é humano. Ainda em sintonia com Bergson, Propp aponta:

É possível rir do homem em quase todas as suas manifestações. Exceção feita ao domínio dos sofrimentos, coisa que Aristóteles já havia notado. Podem ser ridículos o aspecto da pessoa, seu rosto, sua silhueta, seus movimentos. Podem ser cômicos os raciocínios em que a pessoa aparenta pouco senso comum; um campo especial de escárnio é constituído pelo caráter do homem, pelo âmbito de sua vida moral, de suas aspirações, de seus desejos e de seus objetivos. Pode ser ridículo o que o homem diz como manifestação daquelas características que não eram notadas enquanto ele permanecia calado. Em poucas palavras, tanto a vida física quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto de riso. (PROPP, 1992, p.29).

Assim, as autoras Lins e Gonçalves (2012) ressaltam que, para Propp (1992), quando ri, o sujeito apresenta, ao menos, uma noção das exigências morais da natureza humana e algumas concepções do que é justo ou correto. Na verdade, o riso, na visão desse autor, acontece desde que as descobertas sejam inesperadas. Logo, a piada só pode ser engraçada, se o seu final for inesperado e espirituoso.

Nas crônicas de Agamenon, identificou-se que o riso de zombaria e o riso maldoso ocorrem com maior frequência, visto que o autor, a fim de atribuir um humor ao texto, salienta os defeitos de Dilma e Lula bem como os ridiculariza perante o leitor. Por isso que, à medida que o autor retoma a um acontecimento político, ele também critica as ações dos ex-presidentes, enfatizando, inclusive, os seus erros. Nota-se que ao instaurar esses dois tipos de riso, a intenção do autor é, então, construir uma imagem pejorativa dos ex-presidentes.

2.2.2 Humor na Linguística

A perspectiva raskiniana

O linguista Victor Raskin autor da Teoria de Script Semântico do Humor (1979; 1985) procura explicar a competência humorística do falante. Em seu estudo, utiliza o termo *script* como uma estrutura cognitiva internalizada pelo falante que fornece a ele informações sobre como as coisas são organizadas e, além disso, os *scripts* são imediatamente relacionados com e evocados por itens lexicais. Porém, o próprio autor reforça que sua escolha não envolve questões terminológicas ou julgamentos de valores, mas é apenas uma simplificação de uma complexa discussão de terminologia.

Inicialmente, é válido resgatar, por meio dos grifos de Tafarello (2014), a concepção de humor pela qual se baseia Raskin (1985, p.103): “Humor parece ser a segunda forma de comunicação mais socialmente aceitável (...) após a comunicação *bona-fide* (confiável)”. Nesse sentido, a autora pontua os componentes de uma piada descritos semanticamente por Raskin (1985, p.17):

- a) uma mudança do modo de comunicação *bona-fide* para o não *bona-fide*;
- b) o texto ser intencionalmente chistoso;
- c) dois *scripts* (parcialmente) sobrepostos compatíveis com o texto;

d) uma relação de oposição entre os dois *scripts*.

Para esclarecer todos esses componentes, a autora se valeu de um exemplo do próprio Raskin (1985, p.32):

- O doutor está em casa? – o paciente perguntou num sussurro rouco.
- Não – sussurrou em resposta a jovem e bela esposa do doutor
- Pode entrar.

Tafarello (2014, p. 89 -90), em seguida, explica o que venha ser cada componente. Quanto ao primeiro componente, o humor é diferente do modo de comunicação sério, denominado “bona-fide” e comprometido com a verdade e o bom senso. Mas, a cooperação do ouvinte o leva de forma mais natural à compreensão engraçada de uma piada do que à alternativa de ser enganado por uma mentira. No que diz respeito ao segundo componente, a autora, mais uma vez, se vale das palavras do próprio linguista: “Todo humor intencional começa com um impulso para fazer uma piada.” Sobre tal trecho, a autora chama a atenção para o emprego do termo “intencional”, o qual, para Tafarello (2014), exclui a situação em que o falante faz alguém rir sem perceber previamente que diz algo engraçado.

Além disso, ainda sobre os componentes da piada, Tafarello (2014) lembra que os dois *scripts* compatíveis com a piada analisada por Raskin são “doutor” e “amante”, que se sobrepõem (terceiro componente em um tipo de oposição e quarto componente relativo a um mundo ordinário/ não ordinário, relacionada a sexo).

Vale considerar que a noção de *script* proposta por Raskin (1985) não se refere ao *script* linguístico propriamente dito, mas sim ao léxico baseado em *script* de uma língua natural.

O *script* é uma ampla porção de informação semântica circundando a palavra ou evocada por ela. O *script* é uma estrutura cognitiva internalizada pelo falante nativo e representa o conhecimento, por parte do falante nativo, de uma pequena parte do mundo. Todo falante tem internalizado um amplo repertório de *scripts* do “senso comum”, que representa seu conhecimento de certas rotinas, procedimentos padronizados, situações básicas etc., por exemplo, o conhecimento do que uma pessoa faz em certas situações, como faz, em que ordem etc. (RASKIN, 1985, p.80)

Tafarello (2014) esclarece que Raskin (1985) levanta a hipótese de que para um texto de humor verbal ser formulado, ele deve partir de dois princípios gerais: a) o texto deve ser compatível, todo ou em parte, com dois *scripts* diferentes e b) os dois *scripts* compatíveis com o texto são opostos em um senso: real/ não-real, esperado/inesperado, plausível/não plausível.

Essa mesma autora ressalta que, em geral, cada piada descreve uma determinada situação real e evoca uma situação irreal, esta é total ou parcialmente incompatível com aquela (TAFARELLO, 2014, p.91).

Uma outra noção da teoria raskiniana importante para este trabalho é a de “gatilho”. Tafarello (2014, p.94) explica que o gatilho supõe a passagem do modo sério para o modo jocoso de comunicação; isto é, trata-se de um(ns) elemento(s) que aciona(m) um novo script, fazendo a mudança de um script para outro no texto. Assim, o gatilho faz com que o leitor reinterprete o texto com base em um script diferente do inicial.

Raskin (1985) aponta que a ambiguidade presente nos textos de humor possui palavras ou expressões que servem para *scripts* diferentes, chamando-o de gatilho. Em um certo *script*, o gatilho pode desviar o texto para uma piada por um *script* oposto, da real situação para uma irreal. Tal sobreposição de um *script* sobre o outro possibilita um duplo sentido, o qual culmina no humor.

Vale considerar que, segundo a proposta raskiniana, em uma piada mais sofisticada, um *script* pode não ser gatilhado diretamente, porém estar em uma implicatura. Uma forma de implicar outro *script* seria por alusão de certa informação que é conhecida pelo falante e que ele infere ser também conhecida pelo ouvinte.

A teoria raskiniana propõe dois tipos de gatilhos: gatilho da ambiguidade e gatilho da contradição.

Raskin (1985, p. 114) demonstra que gatilho da ambiguidade, ao introduzir um segundo script, lança uma sombra sobre o primeiro e sobre a parte do texto que o introduziu e impõe uma interpretação diferente, não óbvia.

O linguista exemplifica esse gatilho a partir da seguinte piada:

- Quem era aquele cavalheiro com quem o vi na noite passada?
 - Não era um cavalheiro, era um senador.
- (ESAR, 1952, p.177, apud RASKIN, 1985, p.25)

Ao retomar esse exemplo, Tafarello (2014, p. 94), esclarece que, como a palavra “cavalheiro”, por uma ambiguidade, significa ao mesmo tempo tanto “homem” e “homem de qualidade”, o texto leva do script senador é homem para o script senador não é cavalheiro. A autora continua a sua explicação, dizendo que o segundo script muda a interpretação da primeira parte da piada, de modo que faça o leitor da piada acreditar, incorretamente, que o questionador estava pressupondo ser um senador um homem de qualidade. Logo, se falante e ouvinte estão no mesmo modo de comunicação, o ouvinte sabe as “regras do jogo” e está preparado e normalmente motivado para perceber a segunda interpretação.

O segundo tipo de gatilho proposto por Raskin (1985) é o da contradição:

embora este gatilho opere diferentemente da ambiguidade e seja mais complexo, leva ao mesmo efeito, ou seja, impõe retroativamente uma segunda interpretação. Pode atuar sobre palavras ou sobre sentenças inteiras. Uma variação de contradição é o gatilho dicotômico, normalmente, criado por um par de antônimos construído dentro da piada. (RASKIN, 1985, p. 25)

Tafarello (2014) recorda um exemplo usado por Raskin (1985, p.25), “humor às custas do próprio falante”, fato narrado por Freud (1905, p.258, apud RASKIN, 1985, p. 25):

Um velhaco que estava sendo levado à execução numa segunda-feira, observou:
- Bem, esta semana está começando otimamente.

A autora retoma a esse fato para elucidar que, sem nenhum preparo antes, há uma mudança no segundo script, que é exatamente oposto ao evocado em primeiro lugar. O gatilho “começando”, compatível com “segunda-feira” e “semana”, contradiz o fato de que um começo deve implicar um fim, mas não pode ser o próprio fim.

Após a leitura dos teóricos acerca do humor, entende-se que a língua oferece em potencial mecanismos que possibilitam deflagrar o humor no texto. Entretanto, para que seja engraçado, é necessário que esses mecanismos linguísticos atuem em um contexto social e de modo intencional. Isto é, são as escolhas lexicais dos sujeitos que possibilitam ou não o riso. Claro que, tendo em vista a interação entre os falantes, não há riso, se o ouvinte não compartilhar do mesmo conhecimento do falante.

Por fim, a partir dessas prévias constatações, é demonstrado nas análises, quinto capítulo, como as escolhas lexicais podem deflagrar o humor; em especial, como as expressões nominais referenciais são mecanismos linguísticos em potencial para a construção do humor nas crônicas de Agamenon.

2.3 A Ironia

Ao longo das análises das crônicas de Agamenon, notou-se que o uso da ironia é constante e, ainda se pode afirmar, que é fundamental para a instauração do humor no texto. A fim de explicar como isso ocorre, busca-se analisar a ironia sob à luz do trabalho de Paiva (1961), o qual descreve os processos que estabelecem a estilística da ironia nos textos falados e escritos.

Desse modo, esse subcapítulo se constitui de resenhas acerca do estudo de Paiva (1961) sobre o conceito de ironia, a adjetivação depreciativa e a deformação fonética, as quais, na visão da autora, são recursos pelos quais se constroem um discurso irônico utilizando as potencialidades que a língua oferece. Vale ressaltar que tais recursos foram evidenciados no *corpus* desta pesquisa como uma característica própria da estilística das crônicas de Agamenon.

2.3.1 O Conceito de Ironia

Inicialmente, Paiva (1961) retoma Carnoy (1927), a fim de esclarecer a origem da palavra ironia, que do grego antigo *εἰρωνεία*, significa “aquele que diz alguma coisa que não pensa, ou seja, aquele que nas palavras dissimula o seu pensamento” (CARNOY, 1927 apud PAIVA, 1961, p.12). A partir dessa ideia original, a autora ajusta esse conceito, considerando que

a ironia está na dissociação entre as duas realidades: o corpo formal da palavra e o seu conteúdo. A dissociação atinge o seu ponto extremo quando a palavra, deixando de ser a expressão direta do pensamento, o sugere por antítese e significa o seu antônimo. (PAIVA, 1961, p.12)

Conforme Paiva (1961, p.9), a ironia é uma “atitude de espírito” e um “processo de expressão”, isto é, trata-se de um processo de expressão de figura retórica que consiste atribuir às palavras sentido oposto ao que, normalmente, exprimem.

Para a autora, a ironia é uma atitude interior que “resulta da combinação de reações psicológicas que se graduam diferentemente e a diversificam em conceitos distintos” (PAIVA, 1961, p.9). A autora esclarece que, se em tal atitude predomina uma feição de alegria amigável, a ironia, então, assumiria um tom de humor; em contrapartida, se há uma atitude em que se ressalta uma amargura ácida, trata-se de uma ironia mais sarcástica⁴.

Consoante à perspectiva adotada por Paiva (1961), esta pesquisa concorda com a visão da autora quanto ao conceito de ironia, no sentido de entendê-la como um processo em que os vocábulos evocam o riso, sendo causa ou efeito dele. “A ironia surge, assim, como um dos processos que criam o cômico, todavia cômico é diferente de irônico.” (PAIVA, 1961, p.9). Na verdade, a autora enfatiza que a ironia é um meio consciente e intencional de tornar risível determinada realidade. Sustentando esse pensamento, Paiva (1961) conclui dizendo que:

A ironia é uma atitude eminentemente social, tendo em vista os temas que ela foca e a sua repercussão. Além disso, em um diálogo, a ironia busca causar um efeito sobre o público, contando com uma reação dos auditores ou dos leitores, sendo essa uma espécie de estímulo que necessita para existir. Daí que, servindo-se da palavra, a conduza à sua função de intercomunicação humana por excelência e encontre nela a sua forma de expressão mais variada e sutil. (PAIVA, 1961, p.10).

Visto que a ironia se opõe à expressão linear do pensamento, Paiva (1961, p.10) ressalta que tal processo obriga o leitor ou o ouvinte a abandonar uma atitude meramente passiva. Logo, para compreendê-la é necessária uma colaboração ativa de quem ouve e de quem lê. Daí a razão de obras que realizam críticas sociais por meio da ironia serem profundas e desafiantes no que tange à sua compreensão.

2.3.2 Recursos linguísticos propulsores de ironia

Dentre os variados recursos linguísticos, propostos por Paiva (1961), que proporcionam ironia ao texto, destacam-se a adjetivação depreciativa e a deformação

⁴ Paiva (1961), considera a sátira uma forma que consiste em encarnar determinado tipo e torná-lo ridículo. Dentro da sátira, há essencialmente dois aspectos: a ironia que resulta de uma deformação e a ironia que se baseia da imagem exata e produz o cômico.

fonética. Tais recursos foram identificados nas análises de Agamenon, os quais, inclusive, evidenciam uma estilística própria desse autor.

Nesse sentido, são descritos cada um desses recursos, de modo que seja possível esclarecer o seu processo de construção dentro dos textos.

Adjetivação Depreciativa

Paiva (1961) defende em seu trabalho que a caracterização de alguém ou um objeto dentro de um texto falado ou escrito pode implicar a ironia. Dentre vários elementos da língua, a autora traz a adjetivação como um dos elementos que traduz perfeitamente o mundo subjetivo do autor. Visto que, segundo a autora (PAIVA, 1961, P. 239), a adjetivação permite uma abstração, a qual é uma atividade subjetiva e pessoal.

A flexibilidade do adjetivo, a sua frequência e a adscrição de características que ele permite, tornam-no matéria plástica ideal para a modelação irônica. Por isso ele revela, muitas vezes, a concretização de processos irônicos, como o cômico da estereotipação. (PAIVA, 1961, p. 239)

Paiva (1961, p. 240) ressalta que alguns processos irônicos aproveitam as virtualidades específicas do adjetivo, principalmente, no que se refere à utilização de um adjetivo portador de uma ideia em si mesma desagradável ou pejorativa. A seguir, o exemplo empregado pela autora para ilustrar o emprego do adjetivo depreciativo.

_Quantos são os inimigos da alma?

E o pequeno, mais dormente, lá ia murmurando:

_Três: mundo, diabo e carne...

Pobre Pedrinho! Inimigo da sua alma só havia ali o Reverendo Vasques *obeso* e *sórdido*, arrotando do fundo da sua poltrona, com o lenço do rapé sobre o joelho.

(Eça de Queirós, Os Maias, vol. II, 4.ªed., Porto)

Segundo Paiva (1961, p.16) o tom injurioso de tais palavras e a fatal associação com clima, que geralmente as dita, torna-as continentes de sentidos muito fortes. Além disso, o fato de se usarem na acepção de qualificativos vulgares, muitas vezes, entre

outros qualificativos, faz-lhes acentuar, por um lado, a heterogeneidade e, por outro, a força expressiva.

Deformação Fonética

Até este ponto, demonstrou-se o modo como a ironia se torna expressão verbal, fixando no que havia de coincidência nos processos de comunicação individual. Assim, Paiva (1961) defende que a expressão da ironia resulta do encontro entre uma atitude interior e um material dotado de capacidade de modelação plástica.

Em contrapartida, ao propor outros recursos linguísticos capazes de produzirem ironia, essa mesma autora afirma que

as palavras, em seu processo de formação, acusam a ironia que lhes deu origem; outras, pertencentes inicialmente ao domínio linguístico geral, são aproveitadas pela ironia, que lhes altera a tonalidade, lhes cria acepções novas ou as especializa em determinado sentido. Essas duas categorias de palavras, resultantes da atividade irônica e constituindo material pronto ou propício à expressão da ironia. (PAIVA, 1961, p.365)

Paiva (1961, p.426) propõe que a deformação fonética se dá pela alteração do conteúdo semântico da palavra que se altera e a coincidência forçada das formas, visando à deturpação caricatural do sentido da palavra original, pela sobreposição a esta do sentido da “palavra contaminadora”.

A autora ressalta que uma forma comum de deturpação é quando não há dependência semântica, mas apenas a semelhança formal; desse modo, procura-se o cômico do estropiamento e a coincidência formal que justapõe à expressão de uma ideia, forma-se, assim, um vocábulo alheio.

A exemplo, tem-se: “em vez de ‘destino’, diz-se ‘justino’, em vez de ‘masculino’ e de ‘feminino’, diz-se ‘Marcolino’ e ‘felismino’⁵. (PAIVA, 1961, p.427).

O próprio fato de se substituir a expressão normal por nomes próprios em si mesmos destituídos de sentido, esclarece que, na base do processo, desempenha papel fundamental o jogo sobre a forma das palavras, e

⁵ As palavras utilizadas pela autora como exemplos de proximidade fonética que possibilitam o trocadilho entre elas.

que, nesse espírito de jogo, enraíza o efeito de dissonância, pelo desacordo entre a palavra utilizada e o seu valor habitual. (PAIVA, 1961, p.427)

Paiva (1961, p. 428) salienta que, embora no processo seja essencial o cômico do estropiamento e a confluência de formas seja geralmente independente do sentido das palavras, na adoção de um vocábulo substituinte, pesa por vezes a sua capacidade sugestiva, que atua como fator determinante para sua escolha.

Acontece que, ao estabelecer a deformação fonética, o objetivo é salientar o ridículo, decorrente do próprio contorno fonético atribuído à palavra original, sendo o resultado, portanto, um derivado depreciativo dessa palavra.

No capítulo de análise, exemplificou-se, a partir do *corpus*, como a deformação fonética é utilizada por Agamenon para instituir a ironia nas suas crônicas. Constatou-se que a deformação fonética é uma constante na constituição das expressões que retomam os objetos de discurso Dilma e Lula, a fim de, muitas vezes, ridicularizar as suas imagens perante o leitor.

CAPÍTULO III O GÊNERO CRÔNICA

Neste capítulo, é apresentada a noção do gênero crônica, desde a sua origem na mitologia grega até as atuais concepções sobre o gênero, as quais ainda não se definiram quanto ao caráter jornalístico ou literário. Por isso, em seguida, é discutida a linha tênue que divide a crônica entre o jornalismo e a literatura, ressaltando, assim, quais são os aspectos responsáveis por esse caráter híbrido do gênero. Por último, a fim de compreender a natureza das crônicas analisadas de Agamenon, é proposto a essas a classificação de crônicas de humor, uma vez que os recursos linguísticos utilizados em sua construção deflagram o humor.

3.1 A Origem da Crônica

A origem do gênero crônica possui uma relação estreita com a mitologia grega, uma vez que a etimologia da palavra “crônica” advém da divindade Cronos, o tempo. Bender e Laurito (1993, p. 10) relatam que, segundo à mitologia clássica, o deus Cronos, filho de Urano (o céu) e de Gaia (a Terra), destronou o pai e casou com a própria irmã Réia. Urano e Gaia, conhecedores do futuro, predisseram-lhe, então, que ele seria, por sua vez, destronado por um dos filhos que gerasse. Para evitar a concretização da profecia, Cronos passou a devorar todos os filhos nascidos de sua união com Réia. Até que essa, grávida mais uma vez, conseguiu enganar o marido, dando-lhe a comer uma pedra em vez da criança recém-nascida. Desse modo, a profecia realizou-se: Zeus, o último da prole divina, conseguindo sobreviver, deu a Cronos uma droga que o fez expelir todos os filhos que havia devorado. E liderou uma guerra contra o pai, que acabou sendo derrotado por ele os irmãos.

Assim, “Cronos é a personificação do tempo” e, conforme a mitologia, “sua lenda pode ser lida como uma alegoria: a de que o tempo, fatalmente, engole tudo o que é criado e tudo que é criatura” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 10). Isto é, essa relação etimológica do termo “cronos” confere ao tempo a característica de ser imutável, infalível, mas, independentemente de qualquer vontade, ele transcorre e muda sem que deuses ou humanos possam retê-lo.

A palavra grega “chronos” encontra-se na língua portuguesa, como radical de muitos termos que etimologicamente ligam-se ao sentido original, o tempo. Segundo Moisés (2003), a palavra crônica é originária do grego “chronikós” e recebida pelo latim “chronica”, ou seja, as variantes do étimo crônica permanecem com o sentido original de “cronos” (tempo).

“Do grego chronikós, relativo a tempo (chrónos), pelo latim chronica, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfinso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo.” (MOISÉS, 2003, p. 101)

Sobre essa definição do gênero, Bender e Laurito (1993, p. 11) explicam que o termo “crônica” mudou o seu sentido em sua evolução, mas nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação.

O que fica bem claro, tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao seu sentido moderno, é que a crônica, pela sua própria origem, está sempre ligada à ideia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 11).

Outro ponto levantado pelas autoras Bender e Laurito (1993, p.11) é que “crônica” hoje corresponde a um texto específico que se dedica ao registro de acontecimentos de um dado tempo. Tais autoras esclarecem que crônica é concebida atualmente como um texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, cuja temática varia entre política, esporte, arte ou, simplesmente, a vida cotidiana.

No século XIX, começou a ser adotada a concepção moderna acerca da crônica, a partir da qual esse gênero textual ganhou sentido estritamente relacionado à Literatura. Inicialmente, era “um texto jornalístico que abordava os mais diversos assuntos, nasceu de um folhetim⁶, na França” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 15).

⁶ Segundo Bender e Laurito (1993, p. 15), folhetim (do francês *feuilleton*) era um espaço livre no rodapé do jornal, destinado a entreter o leitor e a dar-lhe uma pausa de descanso em meio à enxurrada de notícias graves e pesadas que ocupavam as páginas dos periódicos. Com o tempo, a acolhida do público com relação a esse espaço foi aumentada, e o folhetim passou a ser um chamariz para atrair leitores.

O autor Moisés (2003) explica que a ampla difusão da imprensa beneficiou o estabelecimento da crônica, que, então, rapidamente passou a ser uma “narrativa histórica” presente nos jornais impressos. Outro aspecto importante acerca da crônica levantado por Melo (1985, p.111) diz respeito ao entendimento claro de o gênero se tratar de um texto breve, relacionado à atualidade e publicado, preferencialmente, em jornais ou revistas.

Costa (2008), a respeito da representatividade da crônica no cenário literário contemporâneo, afirma que o gênero reflete, com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano de um determinado tempo em livros, jornais e folhetins, seguindo, assim, a mesma função adotada desde o século XIX.

A respeito da função da crônica tal como se conhece hoje, Bender e Laurito (1993, p. 16) buscam explicações nas primeiras publicações desse gênero, o qual outrora, no século XIX, era publicado no folhetim de variedades. Tal seção correspondia aos rodapés dos jornais, em que eram publicados capítulos de romances ou matérias variadas dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo.

Grande exercício para presentes e futuros grandes escritores, o folhetim de variedades era uma matéria periódica em que a literatura brasileira se ia formando e afirmando e mediante a qual um público fiel adquiria o hábito da leitura. O valor e a sedução dessa seção de jornal dependiam do talento e do estilo do escritor, ainda que a marca fosse o tom ligeiro e descomprometido, geralmente e propositadamente frívolo, para conquistar a empatia do leitor. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 16)

Atualmente, no jornalismo, especialmente, em coluna assinada de periódicos, a crônica pode vir em forma de notícias ou em comentários críticos e polêmicos, abordando temas ligados a atividades culturais (literatura, teatro, cinema, etc.), políticas, econômicas, de divulgação científica e esportivas. Nesse caso, conforme a esfera social que retrata, recebe o nome de crônica literária, policial, esportiva, política, jornalística, argumentativa, etc. A partir dessa distinção temática que se classifica os tipos de crônicas, ou seja, é a abordagem do tema que diferenciará as variadas crônicas.

Sobre o estilo, esse mesmo autor, considera que a crônica, geralmente, trata-se de um texto curto, breve, simples, de interlocução direta com o leitor, com marcas bem típicas da oralidade. Esclarece, então, que:

Quando predominantemente narrativa, possui trama quase sempre pouco definida, sem conflitos densos, personagens de pouca densidade psicológica, o que a diferencia do conto. O motivo, na maior parte, extrai do cotidiano imediato. Além do tipo narrativo, também pode ser do tipo argumentativo ou expositivo como textos de opinião sobre temas de diversas áreas. (COSTA, 2008, p. 70-71).

Costa (2008) continua a reflexão acerca do estilo desse gênero, destacando a proximidade entre autor e leitor, em uma conversa amena. Diferentemente do editorial ou do artigo de opinião, que recuperam os fatos da atualidade de maneira mais densa e formal. Sem regras pré-estabelecidas, como se dá com a manchete ou a notícia, a crônica consolida o simulacro de relato informal de um fato qualquer. Com isso, nota-se que “essa liberdade discursiva privilegia o efeito de aproximação do enunciador em relação ao leitor, o que é feito pelo uso frequente de discurso indireto livre.” (COSTA, 2008, p. 72).

A respeito das temáticas contempladas pelo gênero crônica, Bender e Laurito (1993, p. 42) destacam os fatos cotidianos, pequenos acontecimentos do cotidiano tão comuns a todos que não tem porte para um romance, tensão suficiente para um conto e, muito menos, lirismo ou indignação para um poema. Sobre o caráter corriqueiro da crônica, essas mesmas autoras esclarecem:

Gestos pequenos e despercebidos, beijos ou um pãozinho com o café da manhã – com ou sem leite – é isso que a crônica acaba sendo para o leitor. No jornal, as manchetes trazem, em títulos épicos ou grandiloquentes, o mundo. O mundo em letras garrafais. O susto é a principal emoção do recém-acordado brasileiro. Às vezes é um susto bom: vai haver um show do nosso cantor predileto, estreia de um filme de um diretor competente, ou haverá uma entrevista com uma personalidade de quem gostamos. Ou ainda nosso time de futebol, vôlei ou basquete fez algum sucesso exterior. Depois de lido, porém o jornal acaba tendo um final nada nobre, como forrar o caixote dos cachorrinhos recém-nascidos, ou o chão da casa que está sendo pintada. E há a crônica. É lida e... Pronto. Mas às vezes vamos revê-la, já em forma de livro (BENDER e LAURITO, 1993, p.10).

3.2 Crônica: o impasse entre Jornalismo e Literatura

Esta seção dedica-se à apresentação de uma discussão acerca da classificação do gênero crônica em literário ou jornalístico. Tal impasse tem início, “a partir dos folhetinistas do século XIX, visto que uma das maiores dificuldades do gênero parecia residir no caráter dúplice de literatura e jornalismo, ou melhor, de literatura jornalística profissionalmente empenhada.” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 21).

Apesar de compor o arcabouço de produções de grandes escritores da literatura brasileira, à crônica não lhe foi garantida uma posição de grande gênero literário entre os literatos, conforme constata Candido (1992, p.13):

A crônica não é um gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (CANDIDO, 1992, p. 13)

Nesse sentido, pode-se inferir algumas justificativas para a exclusão da crônica do universo literário: o caráter efêmero desse texto, já que o seu suporte, o jornal, necessita ser renovado diariamente; e o seu enredo, por se apresentar geralmente curto e relatar fatos que circundam na atualidade. Tais fatores contribuem para que alguns pesquisadores considerem a crônica como um gênero menor da Literatura. Sobre isso, Sá (1997, p. 10) considera que:

O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica assume essa transitoriedade, dirigindo-se a leitores apressados, que lêem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite. Sua elaboração se prende a essa urgência: o cronista dispõe de pouco tempo para datilografar seu texto, criando-o, muitas vezes, na sala esfumaçada de uma redação. Mesmo quando trabalha no conforto e no silêncio de sua casa, ele é premido pela correria com que se faz um jornal, o que acontece mesmo com os suplementos semanais, sempre diagramados com certa antecedência. (SÁ, 1997, p. 10)

Isto é, na visão de Sá (1997), a crônica é considerada um gênero menor, devido ao modo ao modo de produção dos gêneros jornalísticos. O que esse autor defende é que o cronista não dispõe de muito tempo para escrever e, ainda, dispõe das notícias como mote de produção. Ou seja, as demandas que um jornal exige, como agilidade e veracidade, as quais vão de encontro ao fazer literário.

Logo, percebe-se que a crítica dos literatos às crônicas refere-se ao fato de comumente elas comporem o jornal, visto que o discurso jornalístico, por sua pressa em produzir e publicar novidades todos os dias, torna-se um discurso pouco afeito à forma, privilegiando somente a informação, e não propriamente por sua qualidade estética. No entanto, conforme Candido (1992), no gênero crônica, os sentidos ligados ao jornalismo e a seu modo de produção não impedem o cruzamento do discurso da literatura, entendido como um discurso que, na contramão do discurso do jornalismo, trabalha o texto com toques poéticos, ficcionais ou dramáticos, como se pode encontrar nas crônicas de clássicos literários, como Rubem Braga, Nelson Rodrigues e Clarice Lispector.

A partir disso, é possível afirmar que, por ser um gênero híbrido⁷, fica difícil enquadrá-lo, classificá-lo, fazê-lo pertencer a uma determinada área – uma vez que as esferas dos discursos da história, do jornalismo e da literatura contribuem para sua constituição. O diálogo que o cronista estabelece com várias áreas do conhecimento atribui ao gênero uma ambiguidade, porque, enquanto de um lado trabalha-se com o cotidiano, marca própria do discurso jornalístico, por outro, mobiliza a criação ficcional e poética própria do discurso literário.

Bender e Laurito (1993, p. 53) destacam que essa ambiguidade é inerente a esse gênero, “se o exercício da crônica pode permitir ao prosador que seja também poeta, ao jornalista que seja filósofo ou místico, ao contador de casos que seja historiador do cotidiano, um trágico que a ela se dedique, deixará a sua marca também.” As autoras, para explicar a flexibilidade da crônica quanto à forma, citam o crítico Portella (1979, p 54), o qual insere a crônica no fazer literário:

A estrutura da crônica é uma desestrutura; a ambiguidade é a sua lei. A crônica tanto pode ser um conto, como um poema em prosa, um pequeno ensaio, como as três coisas simultaneamente. Os gêneros literários não se excluem: incluem-se. O que interessa é que a crônica, acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário. E quando não o é, não se apegua à notícia, que não é capaz de construir uma existência além do cotidiano, este se perde no dia a dia e tem

⁷ Com relação ao gênero híbrido, Marcuschi (2003) propõe que esse se refere à natureza da intertextualidade de gêneros ou do fenômeno da hibridização (ou da intergenericidade). O gênero híbrido aparentemente infringe convenções estabelecidas e caracteriza-se por uma estrutura em que há ruptura do convencional, do previsível, a qual parece se manifestar no texto sob a forma de uma incongruência, em que se espera do leitor uma “descoberta” de uma função social no texto que não está na superfície de sua macroestrutura.

apenas a vida efêmera do jornal Ou outros transcendem e permanecem. (PORTELLA, 1979, p. 54 apud BENDER e LAURITO, 1993, p. 53).

Enfim, o gênero privilegia o diferente do dia a dia sem perder a graça do dizer. Candido (1992) conclui que essa relação com o acontecimento menor e o prosaico e, ao mesmo tempo, com o inusitado da vida do homem comum, serve de base para os cronistas desenvolverem seus textos. E esse seria o aspecto principal da crônica, entre a história, o jornalismo e a literatura, e que, segundo Candido (1992), é o que a diferencia dos demais gêneros.

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão humanizada; e esta humanização lhe permite, como compensação, sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p.13-14).

Para Candido (1992), quem escreve crônica sabe dessa condição, mas isso não impede ou impediu que o lugar do cronista, de observador do social, do homem comum que escreve com graça ao longo da história, fosse ocupado por grandes jornalistas/escritores, escritores/jornalistas.

Bender e Laurito (1993, p. 56) ressaltam que cada cronista tem o seu estilo peculiar, inclusive, quanto à escolha do tipo de texto a que se dedica mais. A fim de ilustrar essas peculiaridades, as autoras enumeram os principais autores da crônica brasileira, evidenciando os seus estilos.

Assim, podemos dizer Cecília Meireles tende à poesia e ao misticismo, Drummond às reflexões (puras ou disfarçadas em casos), Fernando Sabino às histórias e ao humor leve, Luis Fernando Veríssimo, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Eduardo Novaes e Millôr Fernandes ao humor (cada um a seu modo), Paulo Mendes Campos à poesia em prosa or prosa poética, Manuel Bandeira às reminiscências, Rachel de Queiroz ao acontecimento, à reflexão ou ao texto comprometido com o social, Clarice Lispector ao inusitado e ao existencial, Rubem Braga faz transcender o fato miúdo e conta casos como ninguém. E assim por diante. Torna-se, pois, difícil e arriscado fazer a tipologia da crônica, de vez que geralmente tangencia um outro gênero, com o qual chega a confundir-se. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 57).

Apesar de cada escritor apresentar o seu estilo e a sua forma de conceber a crônica, são apresentadas na próxima seção algumas tentativas de estudiosos de classificá-la; cada proposta de classificação parte de um critério específico.

3.3 Classificações de Crônica

Ao longo deste capítulo, foi discutido o caráter difuso da crônica, isto é, uma definição precisa em texto literário ou texto jornalístico, já que, segundo Bender e Laurito (1993, p. 76-77), nela se pode encontrar uma linguagem metafórica, alegorias, repetições, antíteses, paradoxos, gradação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, diminutivos afetivos, aumentativos depreciativos, suspense (...) “tudo que a elaboração literária permite pode estar lá, naquele texto, jornalístico também, aparentemente despretensioso”.

Em contrapartida, contemplando a funcionalidade do gênero, Melo (1985, p. 156) apresenta que a crônica moderna se configura como um gênero eminentemente jornalístico, cujas características fundamentais são:

- 1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva.
- 2) Crítica social, que corresponde a “entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem”. Tal tarefa o cronista realiza de modo dissimulado, pois ele mantém o “ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência”. Esse é um traço essencial da crônica moderna, que assume o ar de “conversa fiada”, de apreciação irônica dos acontecimentos, deixando de ser o “comentário mais ou menos argumentativo e expositivo” que se praticava nos fins dos séculos XIX (MELO, 1985, p. 156).

Na verdade, o que não se pode perder de vista acerca da crônica é que esse gênero não monolítico, tampouco uniforme, e sim comporta várias formas de escrita. Por isso, sua classificação tem sido objeto de estudo de pesquisadores tanto do jornalismo quanto da literatura.

Mediante a tantas especificidades, há várias tentativas de classificações do gênero crônica. Nesse sentido, muitos estudiosos propuseram classificações, como:

“Na bibliografia sobre crônica brasileira encontramos quatro tentativas de classificação: Luiz Beltrão usa um critério jornalístico; Afrânio Coutinho toma como base a tipologia literária; Massaud Moisés procura uma correspondência com os gêneros literários; Antônio Cândido orienta-se pela estrutura da narrativa.”(MELO, 1985, p.157).

Neste sentido, são apresentados alguns exemplos de classificações a partir do trabalho de Melo (1985), o qual reuniu em seu trabalho os tipos de crônicas propostas pelos autores Beltrão (1980), Coutinho (1967), Moisés (1978) e Candido (1989).

Segundo Beltrão (1980, p. 68 apud Melo, 1985, p. 157), a crônica possui duas classificações, as quais são elencadas quanto ao tema abordado e ao tratamento que lhe dá o cronista.

A partir do tema, Beltrão (1980, p. 68 apud Melo, 1985, p. 157) identifica três espécies:

- a. Crônica geral: é aquela com espaço fixo no jornal, em que o autor aborda assuntos variados.
- b. Crônica local: também conhecida como “urbana”, trata dos temas quotidianos da cidade, atuando como uma espécie de antena coletiva, captando as tendências da opinião pública na comunidade em que se localiza.
- c. Crônica especializada: focaliza assuntos referentes a um determinado campo de atividade. (BELTRÃO,1980, p. 68 apud MELO, 1985, p. 157)

Quanto ao tratamento dado a qualquer um desses temas, Beltrão (1980, p. 68 apud Melo, 1985, p. 157) sugere:

- d. Analítica: os fatos são expostos com brevidade e logo dissecados objetivamente; o cronista dirige-se mais à inteligência do que ao coração.
- e. Sentimental: os fatos são apresentados a partir dos seus aspectos pitorescos, líricos, épicos, sendo capazes de comover e influenciar a ação, num impulso quase inconsciente; predomina, portanto, o apelo à sensibilidade.
- f. Satírico-humorística: seu objetivo é criticar, ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens; busca entreter, assumindo feição caricatural. (BELTRÃO,1980, p. 68 apud MELO, 1985, p. 157)

Já o autor Coutinho (1967, p. 97-98 apud Melo, 1985, p. 157-158) apresenta cinco tipos de crônicas encontradas na literatura brasileira. Tais classificações são delimitadas com base na natureza do assunto e no movimento interno do texto.

- a) Crônica narrativa: seu eixo é uma história ou um episódio, o que a aproxima do conto contemporâneo (sem possuir necessariamente começo, meio ou fim); exemplo típico é encontrado em Fernando Sabino.
- b) Crônica metafísica: constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico sobre os acontecimentos ou sobre o comportamento dos homens; como é o caso de Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade, que

encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou disreartar filosoficamente.

- c) Crônica poema em prosa: de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios carregados de significação; seus principais cultores foram: Álvaro Moreyra, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo, Eneida, Raquel de Queiroz.
- d) Crônica-comentário: resenha de acontecimentos diferentes e díspares, tornando o aspecto de “bazar asiático”, acumulando muita coisa diferente ou díspar; como são muitas das crônicas de José de Alencar e Machado de Assis.
- e) Crônica-informação: divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros; aproxima-se da crônica-comentário, sendo menos pessoal. Lourenço Diaféria e Flávio Rangel produziram hoje crônicas que se enquadram nessa espécie. (COUTINHO,1967, p. 97-98 apud MELO, 1985, p. 157-158)

Sobre a sua proposta de classificação, Coutinho (1967, p. 97-98 apud Melo, 1985, p. 159), esclarece que “é evidente que essa classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos, os quais, na realidade, se encontram fundindo traços de uns e outros.”

Defendendo o ponto de vista de que a crônica tem um caráter ambíguo, oscilando entre poema e conto, Moisés (1978, p. 108-109 apud Melo, 1985, p. 158) propõe dois tipos de crônica. No seu entender o lugar ideal da crônica é o meio termo entre acontecimento e lirismo; “a crônica deriva para o conto ou a poesia” ela é a “poetização do cotidiano”.

- a) Crônica-poema: os cronistas chegam a fazer versos na sua prosa emotiva ou a lançar mão se uma estrofe para encerrar um texto; ou então, constroem a crônica totalmente em verso. Carlos Drummond de Andrade recorreu algumas vezes a esse tipo de expressão verbal.
- b) Crônica-conto: um acontecimento que provoca a atenção do cronista é narrado como se fora um conto. Enquanto o primeiro tipo explora a temática do “eu” (concentra-se nas emoções do cronista), o segundo tipo gira em torno do “não-eu” (o acontecimento de que o cronista é apenas o narrador, o historiador). (MOISÉS, 1978, p. 108-109 APUD MELO, 1985, p. 158)

Sem a pretensão de criar categorias específicas, mas sim destacar diferenças entre os modernos cronistas brasileiros, Candido (1989 apud Melo, 1985, p.159) sugere as seguintes classificações:

- a) Crônica-diálogo: onde o cronista e seu interlocutor imaginário se reverzam, intercambiando informações e pontos de vista; exemplos: “Gravador” (de Carlos Drummond de Andrade) e “Conversinha Mineira” (de Fernando Sabino).
- b) Crônica narrativa: tem certa estrutura de ficção, marchando rumo ao conto.
- c) Crônica exposição poética: divagação livre sobre um fato ou personagem; cadeia de associações.
- d) Crônica biografia lírica: narra poeticamente a vida de alguém. (CANDIDO, 1989 apud MELO, 1985, p. 159)

Após a leitura dos estudiosos que se propuseram a classificar a crônica, percebe-se que há uma ausência acerca de um estudo mais específico sobre a crônica de humor. Entretanto, admite-se que o humor em uma crônica é, inclusive, fundamental, dando um tom de leveza e coloquialidade. Além disso, visto que, sendo o Humor uma forma de escape da realidade, conforme apresentado no segundo capítulo, “a crônica é um gênero de disfarce e ajuda a aguentar com certa fantasia a vida e a realidade” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 44).

A partir desta definição, este trabalho considera as crônicas de Agamenon como de humor; e, mais, cujo objetivo é denunciar os entraves políticos e, ao mesmo tempo, informar o leitor. Cabe também a esse cronista proporcionar, por meio do riso, uma forma de escape da realidade para o leitor. Aspectos que são tratados na seção seguinte.

3.4 Agamenon: uma proposta de crônica de humor

Nas crônicas de Agamenon, os fatos políticos que marcaram a história atual do país são questionados e ironizados, desse modo, ao longo do texto, o jornalista fictício constrói ideias acerca das personalidades envolvidas, como os ex-presidentes Lula e Dilma de modo a estimular a reflexão da sociedade sobre os entraves que atravessam o cenário político nacional. E o riso, por sua vez, foi o melhor caminho para tornar essa reflexão mais eficiente. Segundo Bergson (1987), torna-se cômica toda deformidade que uma pessoa é capaz de imitar, seja física ou moralmente ou, até mesmo, uma deformidade na ação ou na linguagem.

A análise das crônicas de Agamenon, no universo de crônicas do Jornal O Globo, permite tecer algumas considerações acerca do humor nesse gênero textual. Comumente, ao se referir ao gênero crônica, inclui o humor como uma de suas características principais. Em propostas de ensino, por exemplo, é o que se percebe em atividades de interpretação de textos, nos quais alunos denominam “crônicas” como “textos humorísticos” ou “irônicos”. Tais especulações estimularam este trabalho a tentar entender por que a crônica é classificada como um gênero humorístico; em especial, se as crônicas de Agamenon podem ser classificadas como crônicas de humor.

Nesse caso, ao verificar a presença constante do humor nas crônicas de Agamenon, sendo essa uma das suas principais características, é possível classificá-las como crônicas satírico-humorísticas (classificação proposta por Beltrão (1980, p. 68 apud Melo, 1985, p. 157), mencionada na seção anterior). Visto que Agamenon critica, ridiculariza e expõe fatos e personalidades envolvidas de forma caricatural.

Para tal investigação, é preciso partir da concepção proposta por Bergson (1987), a qual propõe que o humor está além de um mero jogo de palavras, de um “desvio” linguístico para cumprir uma brincadeira - constitui um fenômeno humano, social, obtido com a deformidade e a mecanização dos objetos que são foco do riso.⁸

Nesse sentido, é importante a reconstrução do contexto por meio das relações intertextuais, mesmo se estando afastado temporalmente do fato mencionado no texto; juntamente com a compreensão, ressurgem o humor e o riso. Completando essa ideia, Possenti (1998, p.56) explica que o leitor que não percebe as relações intertextuais não consegue compreender o texto.

Logo, entender um texto cômico não é apenas decodificá-lo, mas também (e principalmente) interpretá-lo, e a interpretação demanda um trabalho do ouvinte, enquanto que a decodificação demanda apenas um conhecimento. Este é necessário, mas não suficiente para a interpretação.

⁸ Aspecto que será ilustrado no capítulo destinado às análises das crônicas de Agamenon, em que os objetos de discurso Dilma e Lula são (re)categorizados de modo que se constrói uma imagem depreciativa dessas personalidades políticas, à medida que o autor os refere no texto. Assim, que é constatado é que a referenciação se torna um mecanismo responsável por atribuir um tom humorístico às crônicas de Agamenon, inclusive, sendo esse um dos seus traços estilísticos.

Acontece que, segundo Koch (2008, p. 39-40), na atividade de leitura e produção de sentido, o leitor coloca em ação várias estratégias sociognitivas, por meio das quais se realiza o processamento textual, mobilizando, assim, vários tipos de conhecimento que o sujeito armazena na memória. Sobre o processamento textual, Koch (2008, p. 39) esclarece que os leitores, diante de um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos, os quais são orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos.

Para se ter uma ideia de como ocorre o processamento textual, Koch (2008, p.39) afirma que é necessário pensar que, na leitura de um texto, são feitos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir dos quais se elaboram hipóteses de interpretação. Para tanto, Koch (2002 apud 2009, p.37) afirma que, para o processamento textual, o leitor recorre a três grandes sistemas de conhecimento, relacionados à língua, ao saber enciclopédico e às práticas interacionais. Tais conhecimentos, resultado de inúmeras atividades em que o sujeito se envolve ao longo da vida, deixam entrever a intrínseca relação entre linguagem, mundo e práticas sociais.

Sobre esses conhecimentos, Koch (2002 apud 2009, p.37) enfatiza que, uma vez armazenados na memória, os conhecimentos sofrem alterações, modificações em razão da atualização das suas práticas sociais.

a memória deixa de ser vista como um auxiliar do conhecimento, passando a ser considerada parte integrante dele, ou mesmo como a forma do todo o conhecimento: o conhecimento nada mais é que estruturas estabilizadas na memória de longo prazo, que são utilizadas para o reconhecimento, a compreensão de situações – e de textos -, a ação e a interação social. (KOCH 2002, p. 40 apud 2009, p 37).

Retomando à ideia de Possenti (1998), os textos cômicos podem até permitir mais de uma leitura, mas frequentemente impõem só uma e geralmente impedem uma leitura qualquer. E, ainda, completa que o humor não é sempre crítico, porém que, certamente, é crítico o humor político – pelo menos, na maior parte de suas manifestações.

Ao analisar as crônicas de Agamenon, o fato que mais desperta a atenção (logo, é o que justifica a escolha do *corpus* para a realização deste trabalho) é que as crônicas são declaradamente humorísticas. Percebe-se no discurso dessas crônicas que a

crítica aos costumes está associada ao objetivo reparador, como se a brincadeira fosse séria, como se o texto, de fato, sugerisse uma espécie de reflexão que se camufla em riso.

Inclusive, a própria natureza do autor contribui para reforçar esse tom de brincadeira, já que Agamenon, na verdade, é autor fictício. Fato que dá abertura para o texto criticar e “debochar” dos acontecimentos com muito mais liberdade. Ao citar esse aspecto, cabe retomar aos estudos de Bender e Laurito (1993, p.48), visto que essas autoras ressaltaram que o cronista não tem preocupação com a verdade. A liberdade que goza o cronista acaba permitindo que, às vezes, ele transcenda o factual.

É evidente que o cronista, assim como o poeta, é um fingidor e nem sempre diz a verdade; assim sendo, o que ele diz pode não retratar como é, de fato, a realidade. Combinando com um texto prosaico e desprezioso como a crônica se propõe a ser (BENDER e LAURITO, 1993, p. 49).

Nesse sentido, os textos de Agamenon constroem como verdades o que muitos se recusam a enxergar como tal: o político desviado moralmente, mas beneficiado socioeconomicamente; o cidadão brasileiro como o menos favorecido nas relações sociais; a mídia e seu estrelato de celebridades como mesquinhas, vazias e corruptas; enfim, um país cuja identidade é/está completamente às avessas.

O que se observa nessas crônicas é que a verdade se mostra com procedimentos que atraem o leitor desde o nível linguístico ao discursivo, apresenta um veio duplo de construção, a persuasão (prova) e a sedução (fonte do prazer). Em consonância com essa constatação acerca das crônicas de Agamenon, é válido mencionar as palavras de Bender e Laurito (1993, p. 53), as quais sinalizaram que muitos cronistas atribuem ao gênero a importância que ele parece ter. Isto é, a crônica pode ser utilizada como um instrumento de libertação, questionadora dos fatos.

Isso permite concluir que o humor, como já ensinava Bergson (1987), não é um “regulador das relações humanas” como a ironia - é um fenômeno social, está a serviço do homem nas suas práticas comunicativas e é científico, racional; sendo, portanto, desenvolvido, na encenação social estrategicamente, passo a passo, a partir de vários procedimentos do discurso, do texto e da linguagem, para que o projeto de fala seja aceitável, para que a consciência da criação dê lugar ao riso da satisfação.

Nesse sentido, o humor torna-se uma característica regular da crônica, porque a ela se associa desde a época dos folhetins, na qual a crônica era um espaço indicado para debates sobre o perfil da identidade nacional e constituía a seção relacionada ao lazer. “Unindo o útil ao agradável”, a natureza social do humor também passou a ser essencial na crônica, um texto para o povo e do povo, ainda com a missão declarada do entretenimento e da diversão.

Sob esse viés, as autoras Bender e Laurito (1993, p. 45) vão mais além, salientando que:

a crônica existe para o mísero mortal, ou seja, para nós, homens menores, e isso é bom, pois desperta a humanidade que há em nós e que as misérias do mundo tentam adormecer, matar talvez. O leitor se dignifica, ao perceber, nas grandes crônicas, o pequeno se eternizar, o prosaico transcender. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 45).

Por fim, o cronista é o “equilibrista do cotidiano”⁹ ou ainda um ilusionista, “que se mete onde não é chamado e escreve sobre o que é atribuição para outros” (BENDER e LAURITO, 1993, p. 77). Talvez, seja essa a sua graça, livre para escrever o que quiser, sem estar preso a formas, mas escravo de um papel a ser preenchido. E é nessa tensão que emanam os seus textos.

A fim de finalizar este capítulo sobre a crônica, é justo lançar mão das palavras do cronista brasileiro cuja reputação está relacionada às suas produções bem humoradas, Luís Fernando Veríssimo, o qual escreveu o texto “Crônica: definições”, publicada em 09 de outubro de 1979, no jornal Folha de São Paulo:

“Crônica é qualquer crônica, ou uma crônica qualquer. Croniqueta é o nome científico da crônica curta, como pode parecer. (...) Cronicão é a crônica grande, substancial, com parágrafos gordos. (...) Grande crônica é o crônicaço. O crônicaço é consagrador. Seu autor sai na rua e deixa um rastro de cochichos – É ele, é ele.”

⁹ Termo atribuído por Bender e Laurito (1993, p. 77).

CAPÍTULO IV PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo visa descrever os procedimentos metodológicos para a elaboração desta pesquisa. Para tanto, inicialmente, esclarece-se a trajetória da pesquisa, a qual perpassa desde a leitura do referencial teórico até o empreendimento das análises; em segundo, descreve-se a natureza do *corpus* utilizado bem como o contexto social, histórico e político em que se situam as crônicas analisadas, de modo que seja possível compreender quem é Agamenon e sobre o que ou quem ele escreve.

Por fim, retomam-se as categorias de análises que norteiam este trabalho, particularmente, a introdução referencial, as anáforas indiretas e encapsuladoras, com o intuito de investigar como se processa a progressão referencial e de que forma as escolhas lexicais que constituem as expressões nominais referenciais possibilitam desencadear humor.

4.1 Método de pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, cuja finalidade é explicar como os processos referenciais instauram humor em crônicas. O método de pesquisa adotado foi o hipotético-dedutivo, cujas hipóteses foram formuladas a partir da necessidade de se traçar um estudo interdisciplinar que envolva a referenciação e o humor.

4.2 A trajetória metodológica

A fim de desenvolver um estudo detalhado das expressões nominais referenciais, é essencial que se revise as abordagens e concepções atuais acerca da referenciação. Em primeiro lugar, fundamentam-se nas perspectivas mais recentes da linguagem, como a virada sociocognitiva e, por último, sociointeracionista adotada pela Linguística Textual. Assim, realiza-se um percurso teórico sobre a agenda linguística, diferenciando as concepções de linguagem que fundamentam o atual conceito de referência e contexto.

Visto que esta pesquisa exige um estudo interdisciplinar, buscou-se respaldo teórico em disciplinas afins. Para explicar os processos referenciais, buscou-se, particularmente, nos trabalhos empreendidos por Mondada e Dubois, 2003 [1995];

Apothéloz 2003 [1995]; Francis, 2003 [1994]; Conte (2003); Koch, 2002, 2004, 2009, 2013; Koch e Elias, 2006, 2009; Cavalcanti, 2011; Ciulla e Matos (2016); sobre linguagem e contexto, respectivamente, tem-se Marcuschi (2007) e Van Dijk (2012); quanto à descrição do gênero crônica, baseou-se principalmente nos trabalhos de Moisés (2003), Melo (1985), Bender e Laurito (1993), Costa (2008), Candido (1992, 1995); por último, com a intenção de explicar como se deflagra o humor Possenti (1998), Travaglia (1990), Lins (2012; 2015), Bergson (1987) e Propp (1982), Raskin (1987), Lins e Gonçalves (2012) e Tafarello (2014) e, quanto aos mecanismos que proporcionam ironia ao texto, Paiva (1961).

Desse modo, após a leitura e a discussão dos pressupostos teóricos, dá-se seguimento ao processo de análise sistemática do *corpus*, na qual, *a priori*, destacam-se as expressões nominais referenciais que (re)constroem os objetos de discurso Dilma e Lula, analisando, assim, as introduções referenciais, as anáforas indiretas e encapsuladoras.

Por fim, com base na análise dos textos, investiga-se a construção do humor presente no discurso nas crônicas conferidas, bem como as implicações quanto à ironia e à argumentação desenvolvidas pelo autor, entregando, o seu posicionamento. Na análise de cada crônica, de início, contextualiza-se o cenário sócio-histórico político, para que, em seguida, delimite como se instaura o humor a partir da elaboração e progressão dos referentes.

4.3 Constituição do *corpus* de análise

O *corpus* desta dissertação trata-se de uma seleção de crônicas publicadas pelo jornalista fictício Agamenon, cuja temática centraliza-se nos acontecimentos políticos do Brasil. A fim de se obter uma análise mais precisa, para este trabalho, foi feito um recorte dentre os vários objetos de discurso mencionados. Assim, o foco de análise deste trabalho se refere ao modo como os objetos de discurso a ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e o ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, são (re)construídos ao longo do texto, uma vez que a recategorização dos objetos de discurso consiste em um importante recurso para viabilizar o projeto de dizer do

locutor, uma vez que implica diferentes formas de caracterizá-los. Concomitante a isso, pretendeu-se compreender de que modo essas diferentes formas instauram humor no texto.

Para tanto, foram selecionadas três crônicas cujas temáticas se referem ao contexto político e socioeconômico do país à época em que se vigorou o governo desses dois presidentes do Partido dos Trabalhadores (PT). Tais textos foram publicados nos meses de junho e julho do ano de 2015; cujos títulos são respectivamente: “Volume Broxa” (publicado em 25/06/2015), “Dilma Sapiens” (publicado em 02/07/2015), “A dieta da Dilma” (publicado em 23/07/2015) e “No buraco da mocreia” (publicado em 30/07/2015).

A seleção dessas três crônicas se justifica no fato de ambas abordarem o tema da crise financeira do Brasil à época, a qual fragilizou o governo Dilma, uma vez que tal entrave foi um dos fatores determinantes para a queda da popularidade do governo mediante a população, culminando, posteriormente, em uma grave crise política.

4.3.1 Agamenon: o jornalista fictício

Antes de tratar do objeto de pesquisa em questão, cabe esclarecer que, devido à ausência de publicações acerca da origem do personagem Agamenon bem como das informações sobre suas produções, esta pesquisa se baseia de dados fornecidos pessoal e informalmente pelo próprio jornalista Marcelo Madureira, o qual é um dos criadores do personagem. Além disso, lança-se mão de dados retirados de uma entrevista fictícia publicada no primeiro livro de crônicas de Agamenon, a qual, de forma humorada, visa apresentar ao leitor quem é esse jornalista fictício.

O *corpus* de análise é constituído por crônicas publicadas na coluna do Agamenon, o qual se trata de um personagem, um jornalista fictício, criado pelos humoristas Hubert e Marcelo Madureira, integrantes do grupo Cassetta & Planeta. O Agamenon Mendes Pedreira foi criado pelo convite feito pelos jornalistas Sonia Biondo e Evandro Carlos de Andrade, ambos já falecidos, para que os humoristas escrevessem para o jornal O Globo. Há 25 anos, desde maio de 1988, o jornalista fictício tem uma coluna no segundo caderno do jornal O Globo, aos domingos. Atualmente, suas publicações são nos *sites* “Blog do Agamenon” e no “O Antagonista”. Cabe ressaltar que parte dessas

crônicas foram reunidas e publicadas em quatro livros, respectivamente, “Ajuda-te a mim mesmo”¹⁰, “Agamenon na Copa”¹¹, “Agamenon, o homem e o minto – memórias de um picaretáceo ético”¹² e, o mais atual, “Rouba, Brasil”¹³. Inclusive, as crônicas que constituem o *corpus* desta pesquisa foram contempladas por esse último título.

A coluna dominical de Agamenon tornou-se referência nacional para uma abordagem humorística sobre acontecimentos da sociedade brasileira, sejam eles sociais ou políticos. Para isso, o jornalista fictício se vale de mecanismos necessários para desenvolver seu humor e sarcasmo; para tanto, utiliza construções com valores semânticos variados e as elabora com base no contexto social, econômico e / ou político, para ridicularizar a imagem pública dos personagens envolvidos. No caso deste trabalho, são investigadas como as expressões nominais utilizadas por Agamenon produzem humor em suas crônicas.

De forma debochada, em seu primeiro livro *Agamenon, o homem e o minto; memórias de um Picareta Ético*, o jornalista concede uma entrevista exclusiva a si mesmo para esclarecer sua origem aos seus leitores. Essa entrevista exclusiva a si mesmo é justificada por Agamenon da seguinte forma: “Só eu, Agamenon Mendes Pedreira, seria capaz de compreender esta personalidade complexa, este caráter duvidoso, este homem atormentado (porém macho) que sou eu mesmo”. (ARANHA; MADUREIRA, 2002, p. 7)

Na entrevista, Agamenon revela de forma humorada e sarcástica fatos da sua infância pobre ao lado do pai, empresário do setor petroquímico e da construção naval. Apesar de, quando mais novo, ter abandonado os estudos, relata que somente aprendeu a escrever, daí o seu talento para o jornalismo, o qual é atribuído às suas características pessoais: “Até hoje não sei ler. Mas como sempre fui um sujeito ignorante, prepotente,

¹⁰ ARANHA, H. e MADUREIRA, M. **Ajuda-te a mim mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

¹¹ ARANHA, H. e MADUREIRA, M. **Agamenon na Copa**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

¹² ARANHA, H. e MADUREIRA, M. **Agamenon Mendes Pedreira: O homem e o minto – Memórias de um Picareta Ético**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

¹³ ARANHA, H. e MADUREIRA, M. **Rouba, Brasil**. Rio de Janeiro: Matrix, 2015.

arrogante, mau-caráter e desonesto, achei que poderia me tornar um bom jornalista de imprensa” (ARANHA; MADUREIRA, 2002, p. 8).

De modo peculiar e nada convencional, quebrando todas as convenções jornalísticas, Agamenon cobriu momentos históricos importantes como o naufrágio do Titanic, o suicídio de Getúlio e a morte do Kennedy; conforme informa a nota de capa do livro, “É o jeito ‘Aga’ de ser. Com um misto de ousadia e esperteza, Agamenon revela todas as mentiras que os jornalistas contam” (ARANHA; MADUREIRA, 2002, Quarta Capa).

Enfim, em sua coluna, o jornalista demonstra sua destreza por meio de uma linguagem simples, voltada para descrever fatos horrendos da sociedade brasileira. A necessidade de conscientizar todas as camadas da população sobre acontecimentos que requerem um razoável conhecimento intelectual leva o autor a utilizar o humor como principal recurso em seus textos. Agamenon aborda assuntos econômicos e políticos valorizando o que há de mais grotesco em seus conteúdos. Após determinar o foco a ser explorado, ele o suaviza com expressões de amplo conhecimento da população, tornando o assunto abordado mais acessível e atraente para todos os públicos.

4.3.2 O contexto: o Brasil no segundo mandato de Dilma

Esta seção visa situar o leitor no contexto sócio-histórico e político brasileiro, em especial no segundo semestre de 2015, período do segundo mandato da ex-presidente Dilma Rousseff, no qual se inserem as crônicas analisadas neste trabalho. Sobre os dados expostos, é necessário ressaltar que, por se tratar de uma história contemporânea, a qual ainda está em construção, há uma certa ausência de registros acadêmicos desse período. Por isso, esta pesquisa se contextualiza a partir de informações publicadas, majoritariamente, em jornais nacionais de grande circulação e de incontestável credibilidade e de análises publicadas em artigos de cientistas e críticos políticos.

As crônicas selecionadas para a realização deste trabalho datam do segundo semestre do ano de 2015, ano em que a ex-presidente Dilma Rousseff, membra do Partido dos Trabalhadores (PT), assumiu o seu segundo mandato. Tal governo se

iniciava um pouco comprometido, haja vista os problemas econômicos pelos quais o país enfrentava e, inclusive, uma investigação acerca de esquemas de corrupção que envolviam membros do governo, nomeada pela Polícia Federal de “Operação Lava-Jato”, investigada pela CPI da Petrobras (Comissão Parlamentar de Inquérito).

No ano de 2010, Dilma Rousseff foi eleita a primeira presidente mulher no Brasil e assumiu o cargo de chefe do Estado em 2011, em sucessão ao também petista Luiz Inácio Lula da Silva. Foi reeleita em agosto de 2014, com 54.501.118 votos, representando 51,64 % dos votos válidos em segundo turno, o qual foi disputado com o candidato do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), Aécio Neves.

Após um período eleitoral conturbado em 2014, o segundo mandato de Dilma se inicia em meio a uma grave crise econômica e ameaçada pela descredibilidade do governo. Membros do PT e de outros partidos são acusados de envolvimento em corrupção e desvio de dinheiro em uma das mais importantes investigações da Polícia Federal (PF) e do Ministério Público sobre corrupção no país, envolvendo a estatal Petrobras. A “Operação Lava Jato” prendeu, dentre outros nomes, o então tesoureiro nacional do PT, João Vaccari Neto, acusado de ser o operador do partido no esquema. Com isso, Vaccari foi acusado de receber propina das empreiteiras pelos contratos fechados com a Petrobras.

Um dos fatores que fragilizou o governo Dilma é a crise econômica, a qual começou a apresentar sinais ainda em 2014, uma vez que a economia já vivia uma desvalorização cambial bem como uma redução dos salários reais e do nível de emprego. Tal fato enfraqueceu o governo aos olhos dos empresários, investidores e dos eleitores, conforme ilustra Bastos (2017):

Assim, o segundo governo Dilma Rousseff incorreu no custo político de executar a agenda empresarial e conservadora sem com isso, porém, recriar o amplo apoio empresarial gozado no início do primeiro mandato. Ao contrário, o resultado da virada política econômica foi aprofundar a perda de lucratividade e o descontentamento empresarial, e também detonar uma grande perda de popularidade inclusive em sua base de apoio tradicional. (BASTOS, 2017, p.87)

A crise, os escândalos envolvendo o PT e o descontentamento com o governo culminaram em um protesto nacional, no dia 15 de março de 2015. Na ocasião, entre várias manifestações contra o atual governo, o destaque foi para os pedidos de saída de Dilma Rousseff da presidência do país. Porém, a grande crítica feita por parte da

mídia e por alguns cientistas políticos foi em relação à falta de consciência política dos manifestantes.

Em meio aos gritos das ruas de “Fora Dilma” existiam muitos manifestantes pedindo o *impeachment* presidencial e, até mesmo, a intervenção militar. Muitos dos brasileiros que pediam a saída de Dilma da presidência acreditavam que haveria novas eleições ou que Aécio Neves assumiria a direção da república. Segundo pesquisa do instituto Datafolha¹⁴, 63% dos brasileiros defendiam o processo de *impeachment* contra a presidente petista, sendo que apenas 37% desses sabiam que o cargo seria assumido pelo vice-presidente, Michel Temer.

Bastos (2017, p. 85) esclarece em seu artigo que, diante da acusação previsível de estelionato eleitoral feita pela oposição e reverberada pela mídia, a popularidade de Dilma despencou antes mesmo da sua posse no segundo mandato e não mais se recuperou. Sobre isso, o autor ainda acrescenta que:

O impeachment, ao contrário, é que se popularizou, à medida que a crise econômica e a operação Lava Jato destruíram a confiança no governo, sem que um bom desempenho econômico pudesse compensar o ataque judicial (BASTOS, 2017, p. 85).

A respeito da crise política que fragilizou a ex-presidente Dilma, em seu segundo mandato, vale a pena citar o artigo de Miguel, o qual em suas análises políticas avaliou que:

Após as eleições de 2014, ocorreu uma degradação mais acelerada da situação. Vitoriosa numa eleição democrática, Dilma Rousseff adotou o programa do “ajuste fiscal” e ampliou o espaço dos grupos conservadores no governo, numa tentativa vã de restabelecer, ainda que em bases piores, o equilíbrio que Lula conseguira em seus oito anos de governo. Conseguiu apenas afastar os movimentos sociais que poderiam sustentar o seu segundo mandato, mas que não se sentiam mais representados por ele (MIGUEL, 2017, p. 349).

4.4 Categorias e Procedimentos de Análise

Este trabalho objetiva investigar a relação entre a referenciação por expressões nominais e o humor, como essas expressões criam uma situação humorística,

¹⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/04/1615424-maioria-quer-impeachment-de-dilma-e-nao-conhece-vice.shtml>>.

constituindo, desse modo, um mecanismo provocador de comicidade à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Textual de base sociocognitiva e interacional.

Será considerada, nas análises deste trabalho, que a concepção de que as expressões nominais ativam, entre os conhecimentos culturalmente pressupostos como partilhados, características ou traços do objeto de discurso que levam o sujeito a construir sobre esse objeto uma ideia, permitindo, assim, extrair desse objeto informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes da sociedade como um todo.

Para fins de delimitação teórico-metodológica, neste estudo, as expressões nominais serão analisadas enquanto elementos constituintes do discurso, os quais se realizam por meio dos processos de referenciação e categorização. Trata-se, desse modo, a expressão nominal como uma atividade discursivo-criativa centrada nas possibilidades de intervenção sociocognitiva e interativa da língua, em que o léxico (re)atualiza-se constantemente conforme o contexto interacional. Essa concepção se diferencia da concepção clássica dos estudos semânticos, em que a referência se dava por meio de uma compatibilidade formal-semântica, cuja concepção se fundamenta na correspondência entre as palavras e as coisas do mundo.

Por meio deste trabalho, constata-se que a referência, enquanto processo discursivo, deve ser analisada sob a categorização (em que se consideram os esquemas cognitivos de representação) e à interação-discursiva que concebe a referenciação como um processo de construção de objetos de discurso e de negociação de modelos públicos do mundo. No que se tange às categorias de análise dos processos referenciais nas crônicas de Agamenon, foram selecionadas as seguintes categorias: introdução referencial, que diz respeito à primeira ocorrência do referente na materialidade do texto ou à evocação do referente por essa materialidade e as anáforas indiretas e encapsuladoras, que possibilitam a progressão referencial.

CAPÍTULO V REFERÊNCIAÇÃO E HUMOR

Este capítulo se dedica às análises das crônicas “Volume Broxa”, “Dilma Sapiens”, “A dieta da Dilma”, respectivamente, nas quais se busca investigar o papel das expressões nominais referenciais como mecanismos linguísticos responsáveis por deflagrar humor. O foco das análises é a investigação dos processos referenciais que envolvem a construção dos objetos de discurso Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva, a fim de analisar e descrever como esses objetos são (re)categorizados ao longo do texto, de modo que também seja possível reconhecer a orientação argumentativa adotada pelo autor.

Conforme já esclarecido no capítulo anterior, as crônicas de Agamenon têm como mote fatos que marcam o cenário político nacional. Entretanto, os fatos são retomados pelo cronista fictício, Agamenon, de modo cômico, com isso, ao expressar a sua opinião, realiza com um tom irônico, visto que, muitas vezes, assume uma posição de deboche mediante às personalidades políticas envolvidas, em especial, Dilma e Lula.

Para realizar esta pesquisa, selecionaram-se para análise as três crônicas supracitadas, cujo contexto se insere em um período de entaves políticos e econômicos que marcaram o segundo semestre de 2015. Nesse sentido, o tema central das crônicas aborda de forma irônica a crise econômica, pela qual passou o país, à época. Tal ano foi marcado pelo início de um período de recessão econômica, em que o real foi desvalorizado e a inflação aumentou; conseqüentemente, o desenvolvimento do país fora comprometido. Além desse entrave, outro aspecto alarmante foram os desdobramentos da Operação Lava Jato¹⁵, na qual foram descobertos envolvimento de políticos do governo petista.

Ao analisar a forma como ocorrem os processos referenciais ao longo das crônicas de Agamenon, percebe-se que as expressões nominais são utilizadas com um

¹⁵ A operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve. Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras, maior estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar do esquema de corrupção que envolve a companhia. Disponível em: <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso/> Acesso em: 11/02/2017.

propósito cômico, a fim de construir uma impressão pejorativa das personalidades políticas, revelando, assim, o posicionamento político do autor do texto mediante aos fatos mencionados.

Desse modo, a introdução dos referentes “Dilma” e “Lula” nas crônicas analisadas exercem a função discursiva de instaurar o humor, de modo que garante a progressão textual, que, posteriormente, serão retomados por anáforas indiretas. Sobre as anáforas indiretas, Ciulla (2008, p.45) recorda que nem sempre a fonte da anáfora está explícita no texto, mas, de algum modo, é retomada pela memória compartilhada ou por algum elemento da situação. Com isso, apesar de, muitas vezes, não estarem expressos, os objetos de discursos são (re)construídos pelo leitor à medida que se localiza nos acontecimentos políticos abordados pelas crônicas.

Outro recurso analisado é o uso do adjetivo depreciativo, como um mecanismo linguístico que institui a ironia no discurso. Nesse caso, o que ocorre é um aproveitamento das virtualidades específicas do adjetivo, o qual consiste na utilização de um adjetivo portador de uma ideia em si mesma desagradável ou pejorativa (PAIVA, 1961). Nesse sentido, notou-se que tal recurso é muito comum nas crônicas de Agamenon, uma vez que o autor faz uso de expressões em que há adjetivos depreciativos, que retomam aos objetos de discurso, os quais são os alvos de sua crítica. Em suma, os referentes Dilma e Lula são introduzidos no texto e, logo depois, são retomados por expressões depreciativas de caráter humorístico.

5.1 Análise das Crônicas

Considerando que este trabalho visa investigar a participação do processo de referenciação na produção de humor, em especial, nas crônicas de Agamenon, publicadas nos meses de junho e julho de 2015, realiza-se, neste capítulo, a análise do *corpus*. Para tanto, foi realizada uma pesquisa, a fim de analisar como as expressões nominais referencias (re) categorizam os objetos de discurso (neste caso, os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff), possibilitando, assim, uma dinâmica discursiva.

Respaldado nos estudos dos capítulos teóricos que compõem esta Dissertação, acerca da referenciação e do humor. Desse modo, elegeram-se como categorias de análise dos processos referenciais e de suas funções a introdução referencial e as anáforas; para análise do humor, a noção de *scrpits* de Raskin (1985) bem como as abordagens filosóficas de Bergson (1987) e Propp (1982), conjugado com as categorias de Paiva (1961).

A seguir, as análises das crônicas “Volume Broxa”, “Dilma Sapiens” e “A dieta da Dilma”, as quais foram analisadas a partir dos pressupostos teórico-metodológicos discorridos ao longo dos capítulos iniciais desta dissertação.

Crônica 1

“Volume Broxa”

Assim como o Lula, a Dilma e o PT, eu também cheguei no meu “volume morto”. É de que a Isaura, a minha patroa, não se cansa de me acusar diariamente. A insaciável criatura não consegue entender que o Brasil está em crise, vivemos uma época de Dilmagras. Além do mais, com a inflação e o desemprego galopantes, os negócios se retraem e encolhem, principalmente o meu próprio negócio que nunca foi tão grande assim.

E quem resolveu sair da toca foi o ex-presidente em exercício, Luísque Inácio Lula da Silva, que, num encontro com religiosos, desandou a falar mal do PT, da Dilma e da novela Babilônia. Numa de suas típicas manifestações de diarreia verbal, Luiz Picaretácio Lula da Silva acusou o seu partido, o PT (Papuda dos Trabalhadores) de só pensar em cargos e eleição. Em seguida, Lula distribuiu vários santinhos com o slogan da sua campanha para presidente em 2018: Lula – A Volta dos Que Não Foram! Aliás, santinho não, porque na campanha do Lula não tem nenhum santo.

Lula também reclamou do garçom, disse que seu copo de cachaça estava no volume morto e que ele queria mais uma dose. Uma dose do seu governo. Lula fez questão de atacar ferozmente a sua merdeira, quer dizer, herdeira política, a presidenta Dilma Roskoff. Logo a Dilma, que foi inventada pelo próprio Lula, que, assim como o Dr. Frankenstein, deu vida a uma criatura que apavora a população e espalha o terror no Brasil. Bem fez esse rapaz sertanejo, o Cristiano Ronaldo, que morreu antes de ver a merda que isso aqui vai ficar...

Contextualização

A crônica “Volume Broxa” aborda a crise econômica pela qual passou o Brasil, durante o governo petista da ex-presidente Dilma Rousseff. Tal crise gerou uma insatisfação popular com o governo da presidente, já que esse cenário econômico instável elevou a inflação, diminuiu o número de investimentos no país bem como cresceu o percentual de desempregados. Com esse quadro, o governo Dilma, apesar de ter implementado uma agenda de ajustes e medidas protetivas, não reagiu mediante à instabilidade política.

Vale ressaltar que essa situação caótica em que se encontrava o país não só fragilizou a relação entre a ex-presidente com a população, mas também entre os líderes do partido do governo, o PT (Partido dos Trabalhadores), o qual, inclusive, é renomeado como “Papuda dos Trabalhadores”.¹⁶ A situação do partido era tentar equilibrar a reprovação do governo Dilma imersa em uma grave crise econômica com as pressões do partido aliado PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro)¹⁷. Um exemplo que ilustra a fragilidade do PT à época foi uma colocação do ex-presidente Lula com relação ao governo Dilma, na qual o ex-presidente criticou a situação do país, fazendo críticas, inclusive, à gestão de sua companheira partidária.

Análise

Primeiramente, ao analisar o título da crônica, “Volume Broxa”, nota-se que o autor rotula a situação da crise política e econômica, as quais serão mencionadas ao longo

¹⁶ Por não ser o objeto de discurso alvo da análise, não será discutida a fundo o efeito dessa expressão nominal no texto, entretanto, cabe ressaltar que essa contribui para a significação do texto como um todo. Ao eleger o nome “papuda”, o autor realiza um trocadilho, a fim de desprestigiar o partido PT, já que, ao recategorizá-lo, ponde em dúvida o seu caráter ético. Isso ocorre, pois a palavra “papuda” significa tanto uma cachaça de má qualidade como também um presídio localizado no Distrito Federal, visto que Fazenda Papuda é uma região onde se localizam penitenciárias. O que se nota, então, é que o autor desmoraliza os membros do partido, insinuando que eles são corruptos, ladrões, criminosos. Vale ressaltar que essa posição do autor com relação aos petistas se deve aos esquemas de corrupção, nos quais eles estão envolvidos, principalmente na “Operação Lava jato”. Ponto esse que é explorado ao longo das análises, uma vez que esses acontecimentos estão presentes nas crônicas selecionadas.

¹⁷ A chapa que governava o país à época era composta por Dilma Rousseff do PT, na posição de presidente, e Michel Temer do PMDB, na de vice. O PMDB, desde o segundo mandato de Lula, tornou-se parte da base governista. Apesar de análises mais profundas da construção do discurso do texto não serem o foco deste trabalho, um leitor mais atento perceberia que, ao se referir ao PMDB, o autor do texto não o fez por meio de uma expressão nominal referencial com caráter depreciativo, pelo contrário, lançou mão de uma retomada pontual. Esse é um ponto que dá abertura para um outro viés de investigação, avaliar as tomadas de ponto de vista do autor ao longo do discurso.

do texto, e lança mão de uma sobreposição de *scripts*, visto que a expressão “broxa” é empregada prototipicamente com uma acepção sexual, designada à impotência do órgão genital quando excitado ou, ainda, num sentido mais amplo, utilizada para indicar que algo ou alguém é desanimador.

Ressalta-se que, ao longo do primeiro parágrafo, há mais pistas no texto que contribuem com o estabelecimento de um humor com um tom hostil. Por exemplo a expressão “o meu próprio negócio que nunca foi tão grande assim”, a qual se coloca como um gatilho que sobrepõe um *script* sobre outro, impondo uma nova interpretação do texto, culminando no humor. Os *scripts* opostos são empreendimento vs órgão sexual, sendo o segundo mais compatível com o texto. Mesmo que, em uma leitura superficial e inocente, essas palavras não sejam engraçadas, o que faz desse sintagma engraçado são os valores sociais que as palavras utilizadas carregam na cultura em que foram utilizadas (Raskin, 1985).

Ainda sobre essa expressão, cabe ressaltar a sua função atributiva, já que “as expressões nominais referenciais podem desempenhar funções cognitivo-discursivas relevantes para a construção dos sentidos do texto (CARMELINO, 2015)”. Um exemplo é a expressão nominal referencial atributiva que desempenha função predicativa, ou seja, atribui predicados a um objeto de discurso já instituído. As expressões atributivas, conforme apresenta Carmelin (2015), incorporam os complementos predicativos codificados por formas nominais (predicativo do sujeito ou do objeto) e por apostos.

Desse modo, segundo os apontamentos de Carmelino (2015), o uso atributivo fornece novas informações sobre o objeto de discurso, contribuindo para uma construção mais detalhada desse objeto. Logo, nenhum dado informativo sobre o objeto de discurso, seja ele referencial ou atributivo, deve ser descartado no processo de referenciação.

Ainda a respeito do primeiro parágrafo, à palavra “volume” é atribuído o adjetivo “morto”, a fim de aludir a um fato em que Lula criticou o governo, dizendo que tanto Dilma quanto o partido estão em “volume morto”¹⁸. Em seguida, na segunda frase, ao

¹⁸ O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva avaliou de forma negativa o momento vivido pelo PT e pelo governo Dilma com bastante negatividade, segundo relato do jornal O Globo, publicado 20 de junho de 2015. Lula estava em encontro com líderes religiosos e fez críticas ao governo petista, em que afirmou que “Dilma está no volume morto, o PT está abaixo do volume morto, e eu estou no volume morto.

expor que a sua mulher Isaura o chama de impotente sexualmente, o autor mais uma vez se vale do *script* sexual, a fim de criticar a situação econômica do país; fato esse que justifica a sua falha no desempenho sexual. Há, portanto, a sobreposição de dois *scripts*, órgão sexual vs baixa popularidade.

Quanto ao processo de referenciação, logo na primeira linha do texto, são introduzidos os dois referentes centrais para nossa análise e discussão: “Lula” e “Dilma”. Tais referentes serão retomados, ao longo da crônica, por meio de expressões nominais referenciais que lhes atribuem, por vezes, conotações depreciativas. Isso ocorre, pois as expressões nominais são formadas, em sua maioria, por adjetivos, que, evidenciam, por meio do sarcasmo, o humor hostil.

Nesse sentido, a respeito da deflagração do humor por meio das expressões nominais, cabe acrescentar que “a linguagem exprime o cômico, há a possibilidade de traduzi-lo para outra língua, podendo perder seu vigor (...), quando a linguagem cria o cômico, não há possibilidade de tradução, pois as escolhas das palavras devem-se a própria estrutura da língua” (BERGSON, 1987). Isto é, a seleção lexical realizada pelo autor pode deflagrar o humor, à medida que atribui comicidade ao utilizar um determinado termo e não outro, de modo que alcance o “risível”.

Assim, observa-se, na crônica “Volume Broxa”, o uso da adjetivação depreciativa com o intuito de ironizar o emagrecimento da ex-presidente Dilma, por meio da expressão “Dilmas magras”. Lembrando que, apesar de prevalecer a discussão acerca da crise econômica, ao empregar o adjetivo “magras”, o objetivo é enfatizar, principalmente, o período de recessão econômica, visto que, devido à crise, o país apresentava indicadores de baixos investimentos.

Vale salientar que a expressão nominal “Dilmas magras” é um trocadilho com uma expressão popular que significa um período de recessão econômica e de falta de dinheiro, muito utilizada na linguagem corriqueira, como “vacas magras”. O trocadilho,

Todos estão numa situação muito ruim. E olha que o PT ainda é o melhor partido. Estamos perdendo para nós mesmos”, conforme relatos do jornal. Destaca-se que a expressão “volume morto” é referência à crise de abastecimento de água em São Paulo - a reserva das represas é conhecida dessa maneira. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/Acesso> em: 02/07/2017.

para Bergson (1987), é uma das formas de atribuir comicidade por meio da linguagem, sendo esse “um método mesmo apreciado de inferência, pois, aparentemente apresenta na mesma frase dois sentidos diferentes, feitos de acordo com os sons que emitem” (BERGSON, 1987).

Outro ponto relevante sobre o efeito de humor produzido a partir da expressão “Dilmas Magras” se refere ao fato de essa expressão gerar uma sobreposição de um *script* de emagrecimento para um outro oposto, de crise econômica, possibilitando uma segunda interpretação do texto, culminando, assim, no humor. Vale esclarecer que Raskin (1985) afirma que não é a sobreposição por si mesma que faz um texto ficar engraçado, uma vez que todo texto ambíguo é compatível com dois ou mais *scripts*, mas nem todo texto ambíguo é engraçado; o que lhe atribui a graça são os valores sociais que as palavras empregadas carregam culturalmente.

A fim de complementar tal discussão, por meio dos estudos de Propp (1992), percebe-se que a expressão “Dilma magras” pode ser analisada sob a perspectiva dos tipos de riso. Acontece que “no riso bom defeitos, antes encobertos pelo riso bom, são aumentados pelo riso maldoso.” (PROPP, 1992). Logo, o autor da crônica, ao se valer dessa expressão¹⁹, pretende criticar a imagem física da ex-presidente, até porque, segundo esse mesmo autor:

os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando, assim, os sentimentos maldosos, ruins e de maledicência. (PROPP, 1992, p. 159)

É nesse processo em que os objetos de discurso são recategorizados, à medida que o seu sentido é ampliado, considerando as pistas que remodelam progressivamente o referente, de modo que permite reafirmar a intenção do texto de produzir humor. Assim, é preciso observar que:

os referentes completam um percurso no texto que vai desde os modos como o locutor escolhe introduzi-los até as diferentes maneiras pelas quais vai orientando o interlocutor sobre como espera que ele os interprete (embora jamais se possa assegurar que essas ações se deem conforme as expectativas de cada participante). Os processos de introdução referencial e de anáfora são, portanto, estratégias sociocognitivo-discursivas de

¹⁹ É claro que não se restringe apenas ao emprego da expressão “Dilmas magras”, mas sim de todas as outras que foram analisadas na crônica em questão, assim como nos outros textos contemplados por este capítulo.

Na sequência, são inseridas duas expressões nominais definidas “a sua merdeira” e “herdeira política”. Tais expressões retomam o objeto de discurso Dilma, de modo que lhe desqualifica e o avalia de forma negativa. Conforme afirmou Koch (2006), isso é possível, pois a descrição definida caracteriza-se pelo fato de o locutor operar uma seleção, dentre as propriedades atribuídas a um referente, as quais, em dada situação comunicativa, são relevantes para viabilização de seu projeto de dizer.

Assim, o que se verifica é que a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do autor, auxiliando-o na construção do sentido do texto. Tendo em vista que nas formas nominais referenciais as escolhas lexicais desempenham papel de extrema importância (KOCH, 2006, p.94), a seleção do nome-núcleo e de seus modificadores será responsável pela orientação argumentativa do texto.

Vale ressaltar que as expressões nominais referenciais “a sua merdeira” e “herdeira política” recategorizam o objeto de discurso “Dilma”, particularizando-o, atribuindo outras características, a fim de avaliar de maneira depreciativa a atuação da ex-presidente na direção do país. Sendo possível, portanto, estabelecer a orientação argumentativa do texto, visto que explicita claramente a insatisfação do autor com relação à gestão de Dilma.

Em seguida, o referente Dilma é retomado anaforicamente pela expressão nominal “Dilma Roskoff”, a qual é formada a partir de uma deformação fonética que cria coincidência formal com outra palavra, como é o caso da expressão nominal “Dilma Roskoff”, que, por vezes, é utilizada nos três textos de Agamenon aqui estudados. Segundo Paiva (1961), a etimologia popular de cunho irônico é comandada pelo conteúdo semântico da palavra que se altera e a coincidência forçada das formas visa à deturpação caricatural do sentido próprio.

Acontece que a expressão “Roskoff” atribui ao sobrenome de Dilma um tom depreciativo, uma vez que, segundo Paiva (1961), desempenha um papel fundamental na constituição de um jogo com a forma das palavras, e que nesse

espírito de jogo enraíza o efeito de dissonância, pelo desacordo entre a palavra utilizada e o seu valor habitual.

Na expressão “Dilma Roskoff²⁰”, há semelhança de formas, ao confrontar “Rousseff”, sobrenome original, e “Roskoff”, sobrenome designado pelo autor, desprestigiam o objeto de discurso. Desse modo, recategoriza o objeto de discurso, a fim de ridicularizá-lo, por meio de um contorno fonético, “Roskoff”, nascida de uma substituição, visto a sua proximidade formal; dando, assim, um caráter depreciativo ao objeto.

No último parágrafo da crônica “Volume Broxa”, é empregada uma outra expressão nominal “a uma criatura que apavora a população e espalha terror no Brasil” que reafirma a posição reprovativa do autor quanto ao governo Dilma. Logo no início da crônica, é mencionada a crise econômica do país, cuja responsabilidade o autor atribui a ex-presidente e, conseqüentemente, ao ex-presidente Lula que a apoiou nas últimas eleições. Por fim, Agamenon ressalta que a ex-presidente não estava exercendo o seu cargo como deveria, não atendia as demandas do país, deixando, assim, os brasileiros inseguros e sem perspectivas de melhorias futuras.

Nota-se, então, que o modo como as expressões que referenciam “Dilma” constroem esse objeto de discurso, numa operação dupla de referência e progressão temática.

Quanto ao outro objeto de discurso central, o ex-presidente Lula, é introduzido no primeiro parágrafo por meio do sintagma nominal “Lula” e, logo depois, retomado no segundo por meio da expressão “o ex-presidente em exercício”. Tal expressão nominal definida permite estabelecer um tom irônico ao texto, já que, apesar de não exercer oficialmente o cargo, a partir de “em exercício”, infere-se que o ex-presidente

²⁰ Acerca da expressão “Dilma Roskoff”, vale lembrar que se trata também do nome atribuído a uma personagem cômica que satiriza a figura da ex-presidente. Interpretado pelo ator Gustavo Mendes Miranda que ganhou fama, inicialmente, na internet, por representar Dilma; posteriormente, em 2012, integrou o grupo Casseta & Planeta, fazendo participações na televisão à época em que o programa fazia parte da programação da Rede Globo.

É claro que há outros aspectos semânticos que podem ser considerados. O primeiro se refere ao fato de a expressão “Roskoff” se aproxima foneticamente de uma outra “Roskopf Patent”, que, popularmente, fora conhecida por nomear uma marca antiga de um relógio de bolso, por isso, logo depois, ganhou a linguagem coloquial como “rocofe” que designa a algo com precariedade ou que seja ultrapassado. Em segundo, “rocofe” fora designado como ânus, quando a intenção do falante é vulgarizar o discurso. Fonte: <https://www.dicio.com.br/roscofe/> Acesso em: 31/07/2017.

ainda tem influências na gestão do país. Em seguida, ainda nesse mesmo parágrafo, há outras expressões nominais que retomam anaforicamente o referente Lula: “Luísque Inácio Lula da Silva” e “Luiz Picaretácio Lula da Silva”. Pode-se observar que essas expressões também exemplificam o uso da deformação fonética para a produção do humor irônico.

A expressão nominal “Luísque Inácio Lula da Silva” se refere à fama do ex-presidente de apreciar bebidas alcoólicas, uma vez que ele não fazia questão de esconder o seu apreço por um copo de cerveja, uma dose de uísque ou um trago de cachaça. Já a segunda, “Luiz Picaretácio Lula da Silva”, foi designada a fim de frisar, segundo o ponto de vista do autor, o caráter duvidoso do ex-presidente. Visto que “Picaretácio” é decorrente da junção da palavra “picareta”, que popularmente é atribuída a pessoas desonestas e de má índole, com o segundo nome do ex-presidente, Inácio.

Além disso é válido recordar que, à época em que a crônica foi publicada, um fato envolvendo a atitude do presidente Lula colocou em discussão na mídia o seu caráter. Acontece que em uma determinada ocasião se colocou contrário ao seu partido, PT (Partido dos Trabalhadores). O fato remete a um encontro de Lula com líderes religiosos, no auditório do seu instituto, no dia 18 de junho de 2015, em que ele com um tom de desabafo revelou algumas insatisfações com relação ao seu partido e ao governo de Dilma, listando aspectos negativos, tais como: a alta da inflação, o aumento de tarifas tributárias e o agravamento da crise econômica.

Embora, no processo, seja essencial o cômico, a confluência de formas é independente ou não do sentido das palavras. Conforme Paiva (1961), o que se conclui, ao observar o emprego dessas expressões constituídas de deformação fonética, é que sugere o que influenciou a opção de um determinado vocábulo pelo autor do texto, a partir da adoção de um vocábulo ao invés de outro.

Crônica 2

“Dilma Sapiens”

Com essa crise braba, o brasileiro médio (mais ou menos 12 cm) não tem motivos pra rir. Só uma coisa está provocando gargalhadas e trazendo um pouco de alegria para o povão: as burrices da presidente Dilma Roskoff. Tal e qual um Seu Creysson de esquerda, a stand-up-presidenta já pode ser considerada uma das maiores comediantes do Brasil. Maior que a Regina Casé e a Fabiana Carla. Todo dia a Dilma só abre a boca pra dizer besteira. Ô presidenta difícil!

Na semana passada, Dilma Mocreff saiu do armário do Palácio da Alvorada e revelou pra todo mundo que era fã da mandioca. Como todos sabem, a famosa planta de duplo sentido foi introduzida na cozinha pelos índios brasileiros (com trocadilho, por favor). Engraçada essa súbita paixão da presidenta Dilmandioca Rousseff. Eu sempre achei que não é dessa fruta que ela gosta. Mesmo porque a mandioca não é fruta – é um tubérculo.

Para aumentar o rol de coisas sem pé nem cabeça que sempre fala de improviso, Dilma, no mesmo discurso, resolveu homenagear a “Mulher Sapiens”. Ela disse que, se o “Homem Sapiens” existiu mesmo, a “Mulher Sapiens” existiu também. Senão como é que ia nascer o “Bebê Sapiens”? Mas não se deixem enganar: de burra a Dilma não tem nada. Burro é quem votou nela.

Enquanto isso a popularidade da presidente-tubércula não para de cair. E não tem silicone capaz de empinar a popularidade da Dilma. Pra despistar a mídia golpista, Dilma resolveu fazer uma visita aos EUA e tirar uma casquinha do Barack Obama, que está por cima da carne seca. Sem mandioca. Obama levou a Dilma para conhecer o Monumento a Martin Luther King. A presidenta, que gosta de meter o bedelho em tudo, disse que o monumento estava errado porque Martin Luther King era negro e a estátua branca.

Ao lado de Obama, Dilma Roskoff se comprometeu a zerar o desmatamento ilegal na Amazônia até 2030. Em compensação, a devastação do cofre da Petrobras continua porque, segundo a presidenta, foram doações legais de campanha. Para encerrar a viagem, Dilma ainda foi até a Califórnia, onde deu uma volta no carro da Google que não precisa de motorista. A presidenta não achou nada de mais, afinal, há muito tempo o Brasil não tem ninguém na direção. Em seguida, Dilma fez questão de ir a São Francisco. Na Castro Street, Dilma depositou uma coroa de mandiocas no Monumento ao Gay Desconhecido, onde arde a Pira Sagrada. E como arde...

Contextualização

A crônica “Dilma Sapiens” se refere de modo debochado ao discurso realizado por Dilma Rousseff na cerimônia de abertura dos Jogos Mundiais dos Índios²¹, em Brasília, no dia 23 de junho de 2015. Em tal discurso, a ex-presidente surpreendeu a todos ao cumprimentar a mandioca, considerando-a como um importante elemento cultural e ao designar a nomenclatura “mulheres sapiens”, quando citou o processo de evolução humana.

Além disso, no final da crônica, é tratado o escândalo da Petrobras, a partir do qual foram desviados bilhões de reais. Nesse esquema, que dura pelo menos dez anos, grandes empreiteiras organizadas em cartel pagavam propina para altos executivos da estatal e outros agentes públicos. O valor da propina variava de 1% a 5% do montante total de contratos bilionários superfaturados. Esse suborno era distribuído por meio de operadores financeiros do esquema, incluindo doleiros investigados na primeira etapa²².

Por fim, o autor faz referência à ida de Dilma aos Estados Unidos, em julho de 2015. Nessa visita, a ex-presidente andou em um protótipo de carro da Google, o qual se locomovia sem um condutor. Este caso ganhou repercussão na mídia, pois um grupo de brasileiros que acompanhava no momento debochou, dizendo que o Brasil está em uma situação semelhante à do protótipo: sem direção.

Análise

Quanto ao processo de referenciação, inicialmente, apesar de não ser o foco de estudo deste trabalho, vale salientar o uso da dêixis de memória “essa crise braba”, a qual, segundo Silva, Cavalcante e Britto (2015), tem a função de fazer o coenunciador

²¹ Cerca de 2,3 mil atletas indígenas de 22 etnias brasileiras e de cerca de 20 países se reuniram entre os dias 23 de outubro a 1 de novembro de 2015, em Palmas, capital do Tocantins, para a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI). Com o lema “Em 2015, somos todos indígenas”, foram 13 dias de programação, até 1º de novembro. Boa parte do evento é composta por esportes indígenas, que se dividem em jogos tradicionais, em caráter de demonstração, e jogos nativos, de integração. Outra parcela do evento é composta por esportes ocidentais competitivos, com a proposta de promover a unificação das etnias e dos povos indígenas. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2015/10/etnias-disputarao-16-modalidades-tipicas-de-tribos-indigenas/> Acesso em: 11/02/2017.

²² Disponível em: <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso/> Acesso em: 06/07/2017.

buscar na memória, por meio da indicação de formas dêiticas, objetos referidos pelo enunciador como se fossem conhecidos pelo coenunciador. As expressões dêiticas de memória como que instigam o coenunciador a procurar na memória o referente que o enunciador (locutor) está pressupondo que ele conheça. Nesse sentido, por meio do emprego desse elemento dêitico situa o leitor no contexto social e político que circunda a crônica.

Em seguida, o objeto de discurso “Dilma” é introduzido por uma expressão nominal, “as burrices da presidente Dilma Rousseff”, que lhe imprime uma avaliação. Por meio dessa expressão, o autor deixa claro o seu ponto de vista acerca das atitudes da ex-presidente, as quais, para ele, são tão inusitadas que beiram ao cômico. Nesse sentido, em seguida, o autor estabelece uma comparação da presidente com um dos personagens do grupo Casseta & Planeta, o Seu Creysson²³, que, inclusive, é um candidato à presidência conhecido pelo seu despreparo e pelas barbaridades que falava. A fim de ratificar essa semelhança entre Dilma e Seu Creysson, o referente é regateorizado por meio da expressão nominal “a stand-up presidenta”, denominando-o como comediante, uma vez que em seus pronunciamentos são dignos de piadas.

A fim de reforçar a sua ideia acerca da ex-presidenta, o autor emprega a expressão nominal referencial “uma das maiores comediantes do Brasil”, desse modo, além de retomar anaforicamente o referente, tal expressão reafirma que Dilma é motivo de riso, uma vez que tem por costume fala de forma descabida. Tal fato permite constatar que:

os processos referenciais mantêm, assim, uma rede de intercomunicação que faz do texto uma grande teia. Uma expressão que estabiliza uma anáfora pode também iniciar uma outra cadeia referencial, que, por sua vez, vai ser aos poucos confirmada e acrescida no decorrer do texto. (CAVALCANTI e BRITO, 2016, p.126).

Vale destacar que ao longo do texto há outras expressões que foram empregadas exercendo essa mesma função como, “que não é dessa fruta que ela gosta”, a qual,

²³ Seu Creysson representa uma caricatura de uma pessoa de classe baixa, exagerando características. Suas características mais marcantes são o topete para o lado (com o resto da cabeça careca), os óculos de armação grossa com esparadrapo, a falta de alguns dentes na boca, o bigode, a camisa vermelha, a barriga protuberante, e por fim, a sua característica mais conhecida, seu modo de falar todo “errádio” (repleto de solecismos absurdos) e com um sotaque característico que tornou o personagem famoso. Nas eleições de 2002, Seu Creysson se candidatou para Presidente da República, ao fundar seu partido político, o PÇSC (Partido Çossíáu do Seu Creysson).

ao fazer alusão ao fato de a presidenta gostar de mandioca, questiona a sexualidade de Dilma. Isso é possível, pois, popularmente, a expressão idiomática “dessa fruta que ela gosta” (localizada no segundo parágrafo da crônica) está relacionada à orientação sexual. Neste caso, a possível intenção do autor é colocar em dúvida a orientação sexual da presidente, uma vez que, a mídia de uma forma geral, ao caricaturar a figura de Dilma, atribui-lhe uma conotação menos feminina e mais masculina, já que ela é conhecida por sua personalidade forte.

Ainda sobre o emprego dessa expressão, nota-se que, à luz dos pressupostos de Raskin (1985), essa se configura em uma sobreposição de *scripts*, uma vez que há duas ideias subentendidas: a primeira relacionada ao sentido prototípico de paladar, preferência por um tipo de fruta, e a segunda, referindo-se à orientação sexual.

Outras expressões que realizam que também participando da recategorização e atuam como chistes são: “que sempre fala de improviso” (localizada no terceiro parágrafo) e “que gosta de meter o bedelho em tudo” (localizada no quarto parágrafo). Ambas reafirmam a opinião do autor acerca do referente Dilma, como uma gestora despreparada e inconveniente.

O emprego dessas expressões é elucidado por Marcuschi e Koch (2002), os quais já haviam intuído que o processo da recategorização não poderia estar subjugado à escolha da expressão referencial a cada momento do texto. Por isso afirmaram que a recategorização se apoiava em um tipo de remissão a um aspecto co(n)textual, que podia ser tanto um item lexical como uma ideia ou um contexto que operava como espaço mental para a inferência. Essa constatação reforça que a recategorização é um processo que transcende os limites do emprego de expressões referenciais.

Nesse sentido, Cavalcanti e Britto (2016) reforçam que a recategorização se elabora na mente dos interlocutores ao longo da interpretação do texto, por isso a reputamos como um fenômeno peculiar às anáforas. Uma vez introduzidos no texto, os referentes iniciam seu percurso de evolução, orientado por todas as pistas contextuais engatilhadas pelas marcações formais do cotexto, que cerceiam possíveis interpretações não autorizadas.

Tal constatação segue a visão de Apothéloz e Reichler-Béguelin, como é possível observar no comentário desses dois autores:

Uma vez promovido ao estatuto de objeto de discurso, ou assimilados a qualquer prática social, a identidade desses realia torna-se o produto de uma interação entre o sujeito humano e seu ambiente. Não podemos mais, desde então, falar deles unicamente como referentes no sentido mundano do termo, na medida em que estes objetos adquiriram o estatuto de construtos culturais e, por consequência, sua "essência" comporta forçosamente um parâmetro antropológico. Dessa forma, a noção de referente evolutivo recobre ambigualmente, no raciocínio dos que a utilizam, a coisa extralinguística - como realidade externa do mundo - e o objeto de discurso, representação alimentada pela atividade linguística. Achamos primordial distinguir entre estas duas entidades, porque o estado da memória discursiva (ou da esquematização em curso), determinante para a interpretação dos anafóricos, não se confunde com o estado do mundo. Assim, vamos conduzir nosso esforço de modalização não para as metamorfoses que afetam os objetos do mundo extralinguístico, mas para os que afetam a bagagem de conhecimento de que dispõem, a cada momento do discurso, os interlocutores a propósito de um dado referente, bagagem que constitui, propriamente falando, a identidade do objeto de discurso. Se nos situamos, como linguistas que somos, ao nível de tais objetos, forçoso é constatar que o problema dos referentes evolutivos não é apenas de um: todo objeto de discurso é, por definição, evolutivo, porque cada predicação a ele relacionado modifica seu estatuto informacional na memória discursiva. (APOTHÉLOZ e REICHLER-BÉGUELIN, 1995).

Nesse sentido, percebe-se que tais expressões nominais imprimem humor ao texto, uma vez que instauram o “riso maldoso”, tipo de riso proposto por Propp (1992), o qual é oposto do riso bom; defeitos, antes encobertos pelo riso bom, são aumentados pelo riso maldoso. Desses risos, em geral, riem as pessoas que não acreditam em nenhum impulso nobre. Esse riso não está ligado à comicidade, mas à antipatia, porque a desgraça e infelicidade alheias são os temas dele. Assim, o autor defende que no riso maldoso, “ os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando, assim, os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência.” (PROPP, 1992, p. 159).

No parágrafo que sucede, a expressão nominal “Dilma Mocreff” recategoriza o referente novamente, atribuindo-lhe mais uma nova caracterização depreciativa. Sendo “Mocreff” uma deformação fonética, esse adjetivo estabelece um trocadilho com uma palavra popularmente empregada com um sentido vulgar, “mocreia”. Tal gíria brasileira é utilizada para se referir a uma mulher deselegante, mal-ajeitada ou muito feia. Isso complementa o ponto de vista do autor, visto que a presidenta foi vítima de críticas, pois foi deselegante ao fazer comentários descabidos em um evento solene.

De modo a garantir a progressão referencial, a expressão rotuladora “essa súbita paixão da presidenta Dilmandioca Rousseff” encapsula toda a informação anterior do parágrafo, em que o autor revela para leitor um dos motivos de chacota com a

presidente. Tal fato remete à reverência que a presidente fez à mandioca como um elemento cultural de grande valor para os brasileiros. Após especificar uma das gafes cometidas pela presidenta, o autor continua o texto discorrendo acerca disso, dando continuidade à relação entre a presidente e a mandioca.

A escolha do rótulo está ligada ao projeto de dizer do autor, portanto aos sentidos que são encaminhados e como não podia deixar de ser, o rótulo denota algum grau de subjetividade. Sempre existirá uma escolha e será sempre carregada de significado quer seja em menor ou maior grau. Diante desse fato, o rótulo será um meio eficiente de manipulação do leitor já que ao se promover uma escolha, escolhe-se também como se deseja influenciar o leitor em sua interpretação e até mesmo levando-o a uma opinião.

Segundo Carvalho (2005, p. 93),

É justamente a função argumentativa dessas formas que auxilia na promoção do ponto de vista do produtor do texto, na medida em que elas são utilizadas para sinalizar e intensificar suas opiniões. O encadeamento dessas expressões, isto é, a sua função coesiva não só permite a identificação do(s) propósito(s) comunicativo(s), como ainda faz o texto avançar por meio do encapsulamento de informações e o estabelecimento de um tema para os enunciados subsequentes. (CARVALHO, 2005, p.93)

Koch (2006) chama a atenção para as anáforas encapsuladoras, as quais obrigam o leitor, não só a pôr em ação a estratégia cognitiva de formação de complexos, como ainda lhe exige a capacidade de interpretação de informação adicional. Essas expressões nominais, que são, em sua maior parte, introduzidas pelo demonstrativo, desempenham duas funções: rotulam uma parte do cotexto que as precede e estabelecem um novo referente, que, por sua vez, poderá constituir um tema específico para os enunciados subsequentes.

Continuando a análise dessa anáfora encapsulada, vale ressaltar que em sua constituição há o uso do adjetivo com teor depreciativo, por meio do qual, estabelece-se o humor. Ao empregar “Dilmandioca Rousseff”, percebe-se que a expressão “Dilmandioca Rousseff”, trata-se muito mais do que um jogo de formas, visto que o acréscimo do termo “mandioca” ao nome “Dilma”, retoma claramente ao episódio do discurso hilário em que a ex-presidente ovacionou a mandioca.

Uma outra observação sobre o uso de adjetivos depreciativos é o próprio título da crônica, “Dilma Sapiens”, em que foi atribuída a palavra “sapiens” para se referir a um outro aspecto do discurso de Dilma. Acontece que ao ressaltar a importância da bola para as civilizações, ela declara que essa é o símbolo da evolução da humanidade, que atribuiu ao homem a capacidade de ser sábio, de pensar, conforme propõe o termo “sapiens” do latim, sabedoria. Nota-se, então, o tom irônico ao nomear como “Dilma Sapiens”, já que é uma crítica tanto ao emprego equivocado do termo “sapiens” quanto à racionalidade da ex-presidente ao construir o seu discurso.

Eu tenho certeza, e aqui eu queria mostrar o que é a nossa relação antiga com o esporte. Aqui tem uma bola que eu passei o tempo inteiro testando. É uma bola que é uma bola que o Terena me presenteou e que eu vou levar - e ela vai durar o tempo que for necessário -, e ela vem de longe, ela vem da Nova Zelândia. E é uma bola que eu acho que é um exemplo, ela é extremamente leve. Eu já testei e ela quica. Eu testei, eu fiz assim uma embaixadinha, minto, uma meia embaixadinha. Bom, mas eu acho que a importância da bola é justamente essa, o símbolo da capacidade que nos distingue como... nós somos do gênero humano, da espécie Sapiens. Somos aqueles que têm a capacidade de jogar, de brincar. Porque jogar é isso aqui: o importante não é ganhar e, sim, celebrar. Isso que é a capacidade humana, lúdica, de ter uma atividade cujo o fim é ele mesmo, a própria atividade.

Então, o esporte tem essa condição, essa benção. Ele é um fim em si e daí porque não é ganhar, é celebrar, é participar dos jogos indígenas. É participar celebrando o que significa essa atividade que caracteriza primeiro as crianças. Atividade lúdica de brincar, atividade lúdica de ser capaz de jogar.

Então, para mim essa bola é um símbolo da nossa evolução. Quando nós criamos uma bola dessas, nós nos transformamos em Homo sapiens ou “mulheres sapiens”. (Trecho do Discurso)²⁴

Em especial, o alvo da crítica foi o surpreendente cumprimento feito pela ex-presidente à mandioca, valorizando o tubérculo como um elemento essencial para a cultura nacional, já que, segundo ela, une os brasileiros à herança indígena, sendo a mandioca uma das maiores conquistas do país.

Eu acredito que é necessário que nós tenhamos muito orgulho da formação histórica deste país, para além do fato que cada povo indígena representa uma cultura especial, nós temos de ter um imenso orgulho de, na composição da nação brasileira, nós sermos uma mistura de várias etnias. E aqui, hoje, nós estamos saudando uma delas: nós estamos saudando a etnia indígena, que trouxe para nós não só - como disse aqui, muito bem, a nossa vice-governadora, representando o governador -, o sabor dos nomes que estão em todas as nossas cidades, de fato, mas também eu queria saudar, porque nenhuma civilização nasceu sem ter acesso a uma forma básica de alimentação. E aqui nós temos uma, como também os índios e os indígenas americanos têm a dele, nós temos a mandioca. E aqui nós estamos

²⁴ Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/> Acesso em: 11/02/2017.

comungando a mandioca com o milho. E, certamente, nós teremos uma série de outros produtos que foram essenciais para o desenvolvimento de toda a civilização humana ao longo dos séculos. Então, aqui, hoje, eu estou saudando a mandioca. Acho uma das maiores conquistas do Brasil. (Trecho do discurso)²⁵

Nesse escopo, o autor também faz uso das expressões nominais referenciais “presidenta-tubércula” e “a stand-up-presidenta” para retomar anaforicamente o referente e atribuir ironia ao discurso, já que a sua repercussão não foi boa pela mídia, sendo alvo de muita chacota da opinião pública. Seu discurso foi muito criticado, pois apresentava incoerência entre as ideias, segundo a opinião pública, não foi uma escolha acertada utilizar a mandioca como um elemento fundamental da cultura brasileira a ponto de ser exaltado na abertura de um evento histórico de dimensão mundial.

Ao analisar o emprego dessas expressões em que há adjetivações com teor depreciativo, vê-se que há qualificativos vulgares, de termos que têm exclusivamente pejorativo. Conforme Paiva (1961), o tom injurioso de tais palavras e a fatal associação com o clima que geralmente as ditam, torna-as continentes de sentidos fortes. Conclui-se, de acordo com essa mesma autora, que:

a ironia resulta de se empregar o termo numa atitude oposta àquela que lhe deu a vida; e que nesses casos, é a consciência do enfraquecimento, da transposição de clima e de intenção que produz efeito irônico. (PAIVA, 1961)

Quanto ao processo da progressão referencial, nota-se que a expressão “presidenta-tubércula” recategoriza o objeto de discurso Dilma, a fim de lhe atribuir uma conotação pejorativa ao fazer alusão à sua fama após o discurso na cerimônia dos Jogos Mundiais dos Índios.

Vale ainda destacar, acerca do uso dessas expressões nominais com caráter depreciativo, que, a fim de propiciar humor, essas lançam mão de scripts que podem não ser gatilhados diretamente, mas estar presentes por uma implicatura, conforme afirma Raskin (1985). Desse modo, segundo esse mesmo linguista, uma maneira de

²⁵ Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/> Acesso em: 11/02/2017.

implicar outro *script* seria a alusão de certa informação que é conhecida pelo falante e que ele pensa ser conhecida pelo ouvinte.

Logo, de modo que o riso aconteça, é necessário que o leitor tenha conhecimento dos fatos que marcaram a agenda política, bem como que envolvem a imagem da ex-presidente Dilma. Caso isso não seja possível, não há o riso, já que sua interpretação estará limitada.

Por fim, a respeito do uso das expressões nominais referenciais definidas no fluxo da progressão referencial, cabe destacar, no quarto parágrafo a oração relativa “ que gosta de meter o bedelho em tudo”. Acontece que essa construção recategoriza o objeto de discurso, salientando que a presidente frequentemente opina sobre os fatos políticos, mas não tem credibilidade para fazê-lo.

Crônica 3

“A dieta da Dilma”

A presidenta Dilma Mocreff, cansada de se olhar no espelho do Alvorada, resolveu fazer uma dieta rigorosa, uma espécie de ajuste fiscal no seu peso. Em menos de seis meses, Dilmagra Rousseff perdeu mais de 90% da popularidade! Isso só acontece com quem realmente se esforça, se dedica e tem muita força de vontade. Essa dieta da Dilma é barra-pesada, baseada em pepinos e abacaxis que a presidenta tem que descascar todo dia. E o que é pior: a Dilma não pode comer a sua tão querida mandioca de jeito nenhum porque, como todo mundo sabe, mandioca, um tubérculo de duplo sentido, engorda as mulheres. Dilma fechou a boca para comer, mas, infelizmente, não fechou a boca para falar besteira.

A presidenta sedentária resolveu virar presidenta em exercício e começou a andar de bicicleta todo dia. E depois ela ainda tem a cara de pau de dizer que não deu nenhuma “pedalada”. Ora, como é que alguém consegue andar de bicicleta sem dar pedalada? Eu acho que a ciclista Dilma deveria urgentemente colocar rodinhas no seu governo senão ela vai acabar caindo.

Dilma Emagreff, que já foi a Mãe do PAC, se transformou na Musa do Fome Zero. Chupada e sequinha, a presidenta, na verdade, foi a primeira a dar o exemplo diante dos tempos bicudos que se aproximam. Para pagar a conta do mensalão, do petróleo

e do Dilmão, o brasileiro vai ter que apertar o cinto, o que não vai ser nenhum problema com o desemprego e o preço dos alimentos.

O desequilíbrio alimentar do governo já vem de longa data. Os petistas, desde que chegaram ao poder, se mostraram vorazes, gulosos e insaciáveis. Toda noite acordam para assaltar a geladeira e os cofres públicos. Não necessariamente nessa ordem. Gordos, adiposos e sedentários, os petistas correm o sério risco de sofrer um infarto. Não pelo estilo de vida que levam, mas pelo medo de serem presos pela Polícia Federal e terem que aguentar a boia da cadeia.

Contextualização

Na crônica “A Dieta da Dilma”, a temática é a demanda de percalços econômicos do governo bem como a dieta de emagrecimento da ex-presidente Dilma Rousseff. No período em que essa crônica foi publicada, ano de 2015, o país perpassava por uma crise econômica que comprometia o desenvolvimento produtivo do Brasil. Além desse entrave, outro aspecto alarmante foram os desdobramentos da Operação Lava Jato²⁶, na qual foram descobertos envolvimento de políticos do governo petista. Em meio a esse cenário conturbado, o levantamento, encomendado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI-Ibope)²⁷, em julho de 2015, constatou que a aprovação do governo Dilma caiu, chegando a quase 90% a porcentagem de brasileiros que não concordavam com a forma de a ex-presidente gerir o país.

Análise

Tendo em vista que a crônica “A dieta da Dilma” foi publicada logo após a “Dilma Sapiens”, o autor menciona mais uma vez o episódio do pronunciamento da ex-presidente, em que ela ovacionou a mandioca, mantendo a mesma opinião duvidosa quanto ao preparo de Dilma para governar. Além disso, o autor estabelece uma relação com a dieta de emagrecimento da ex-presidente, já que, por se tratar de um tubérculo que compõem o cardápio da culinária, mantém essa conexão entre os dois

²⁶ A operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve. Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras, maior estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar do esquema de corrupção que envolve a companhia. Disponível em: <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso/> Acesso em: 11/02/2017.

²⁷ Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/07/01/interna_politica,663883/popularidade-do-governo-dilma-rousseff-cai-para-9.shtml/ Acesso: 09/07/2017.

fatos. Ainda, ressalta que a dieta da presidente é difícil, “barra-pesada”, pois engloba “pepinos” e “abacaxis”. Tais alimentos, além de serem de baixo teor calórico, coloquialmente, referem-se a problemas, entraves a serem superados.

Com isso, é evidente que o autor se vale, mais uma vez, do conhecimento de mundo internalizado pelo leitor, em forma de estereótipo, evocado pelo léxico da língua. Tal fato é explicado sobre os termos de Raskin (1985), em que em um dado *script*, há o desvio para uma piada por um *script* oposto, em outras palavras, da real situação para a irreal. Isto é, a sobreposição entre alimento vs problema. A sobreposição de um *script* sobre o outro impõe uma segunda interpretação da crônica, culminando, então, no humor.

No primeiro parágrafo, é introduzido o referente “A presidente Dilma Mocreff”, ressalta que a presidente não apresenta uma boa aparência física. É claro que o uso dessa expressão não apenas menciona a ausência de um hábito como também faz alusão à inércia da ex-presidente com relação à sua atuação efetiva no seu cargo. O que se pode compreender é que, para o autor, Dilma agiu, saindo do sedentarismo governamental, fazendo uso de uma operação orçamentária por meio do Tesouro Nacional, as denominadas “pedaladas fiscais”²⁸. Inclusive, o autor realiza um trocadilho com a palavra “pedalada”, já que um dos exercícios físicos que Dilma realizava era andar de bicicleta.

Portanto, o emprego do adjetivo “sedentária” atribui uma característica depreciativa à presidenta, a fim de ironizar os novos hábitos adotados por ela à época e, ainda, a sua conduta na governança das contas do país.

Assim que o tópico do texto passa a ser a o emagrecimento de Dilma, o autor emprega a expressão nominal “Dilmagra Rousseff” para evidenciar a mudança física pela qual a presidente passou após realizar uma dieta.

Para dar seguimento à discussão, tendo como pano de fundo os novos hábitos da presidenta, o autor lança mão da expressão “a ciclista Dilma”, por meio da qual o referente novamente é recategorizado. Percebe-se, com isso, que tal expressão

²⁸ Pedaladas fiscais são operações atípicas, não previstas na legislação, utilizadas para maquiar o resultado das contas públicas. Disponível em: <http://mercadopopular.org/2015/10/o-que-e-pedalada-fiscal-um-manual-para-nao-economistas/> Acesso em: 11/02/2017.

reafirma que a ex-presidente se habituou com a prática do ciclismo bem como com a aplicação das “pedaladas fiscais”.

Dando sequência à análise da cadeia anafórica, no terceiro parágrafo, o objeto de discurso é retomado pela expressão nominal referencial “Dilma Emagreff”, que evidencia o processo de emagrecimento da presidente. Em seguida, retoma-se ao referente por meio das expressões “que já foi a Mãe do PAC” e “Musa do Fome Zero”, a intenção é se referir respectivamente a dois projetos carros chefes do governo petista: PAC (Programa de Aceleração do Crescimento)²⁹ e Fome Zero³⁰.

Claro que, além de a expressão “Musa do Fome Zero” aludir, primeiramente, ao programa do governo, permite também ironizar a dieta restritiva adotada pela presidenta que a permitiu uma melhora do seu físico; fato que justifica o emprego da palavra “musa”.

O uso desse tipo de expressão, como já observado nas análises anteriores, dá pistas do contexto que contribuem para a recategorização do referente, conforme postula Cavalcanti e Brito (2016).

Por fim, percebe-se que há manutenção, ao longo das crônicas, do emprego das expressões de teor depreciativo, as quais são originadas de uma deformação fonética, consoante ao que foi elucidado nas análises anteriores. Nesta crônica, “A dieta da Dilma”, o autor mais uma vez se vale desse recurso ao empregar as expressões “Dilma Mocreff”, “Dilmagra Rousseff” e “Dilma Emagreff”, sendo que ambas ressaltam o aspecto físico da presidente de modo que deflagra o humor hostil.

5.1.1 Cadeia referencial das crônicas analisadas

A seguir, encontram-se os quadros que ilustram a formação da cadeia referencial das crônicas analisadas. Desse modo, percebe-se a evolução da construção dos objetos

²⁹ Criado em 2007, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promoveu a retomada do planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do país, contribuindo para o seu desenvolvimento acelerado e sustentável. Disponível em: <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac/> Acesso em: 11/02/2017.

³⁰ O Fome Zero é um programa do Governo Federal, que visa ao direito de alimentação da população brasileira. Disponível em: <http://bolsa-familia.info/fome-zero.html/> Acesso em: 11/02/2017.

de discurso, Dilma e Lula, em que primeiro há introdução referencial e, em segundo, as retomadas por meio das expressões nominais referenciais.

Crônica I: “Volume Broxa”

Quadro 2 – Crônica 1

Introdução Referencial	Retomadas por expressões nominais referenciais
Dilma	<p>“Dilmas magras”</p> <p>“a sua merdeira”</p> <p>“herdeira política”</p> <p>“Dilma Roskoff”</p>
Lula	<p>“o ex-presidente em exercício”</p> <p>“Luísque Inácio Lula da Silva”</p> <p>“Luiz Picaretáceo Lula da Silva”</p>

Crônica II: “Dilma Sapiens”

Quadro 3 - Crônica 2

Introdução Referencial	Retomadas por expressões nominais referenciais
Dilma	<p>“as burrices da presidente Dilma Roskoff”</p> <p>“a stand-up-presidenta”</p> <p>“uma das maiores comediantes do Brasil”</p> <p>“Dilma Mocreff”</p> <p>“presidenta Dilmandioca Rousseff”</p> <p>“A presidenta”</p> <p>“Dilma Roskoff”</p>

Crônica III: “A dieta da Dilma”

Quadro 4 - Crônica 3

Introdução Referencial	Retomadas por expressões nominais referenciais
Dilma	“A presidenta Dilma Mocreff” “Dilmagra Rousseff” “A presidenta sedentária” “a ciclista Dilma” “Dilma Emagreff” “a Mãe do Pac” “Musa do Fome Zero” “Dilmão”

Ao analisar a evolução da recategorização dos objetos de discurso Dilma e Lula, ao longo das três crônicas analisadas, primeiramente, percebe-se que as expressões nominais referenciais mais predominantes são as de teor depreciativo, as quais, no que diz respeito ao aspecto formal, são formuladas por deformações fonéticas. Tais deformações se valem de conhecimentos prévios sobre o contexto sociopolítico que envolvem as crônicas em questão. É possível constatar também que o emprego de expressões nominais referenciais formadas a partir de adjetivações com teor depreciativo é uma constante nas crônicas de Agamenon, quiçá (ouça-se a afirmar), um estilo de escrita do autor.

Em uma segunda abordagem, considerando os objetivos deste trabalho, o autor, ao lançar mão dessas expressões, instaura o humor no texto, já que essas são mecanismos linguísticos precursores de ironias e gatilhos que ativam *scripts* que se valem de um conhecimento prévio do leitor para atingir o propósito do texto.

Em uma segunda abordagem, ao retomar aos objetivos do trabalho, constata-se que as expressões nominais referenciais recategorizam os objetos de discurso bem como lhes confere um tom irônico a partir da atribuição de nomes, os quais funcionam como gatilhos que introduzem pares de *scripts* que se sobrepõem. Percebe-se que é uma

constante nesses pares um dos sentidos evocados designar ao objeto de discurso um caráter depreciativo, dando ao discurso um ar de deboche.

Fato que, sob à luz dos estudos proprianos, pode-se compreender que se instaura um riso maldoso, quando se ressalta os defeitos inerentes às personalidades Dilma e Lula e, em algumas ocasiões, ao riso zombaria, já que o autor, inclusive, ridiculariza os ex-presidentes.

Vale ressaltar que esse teor depreciativo é possível, porque o autor se vale de uma estilística, em que ele lança mão de artifícios linguísticos que proporcionam a ironia, como é o caso da deformação fonética e da adjetivação depreciativa. Tais artifícios são usados na escolha do léxico que constitui a expressão nominal referencial.

Logo, comprova-se a multifuncionalidade dos processos referenciais, já que esses não se restringem a somente retomadas pontuais, mas também impulsionam o riso. Assim, pode-se afirmar que a recategorização está a favor do humor.

Outro aspecto relevante quanto à multifuncionalidade das expressões nominais referenciais é que, em um processo discursivo, à medida que essas recategorizam os objetos de discurso também cumprem uma função argumentativa. Isso ocorre, pois, as expressões utilizadas nos processos referenciais carregam um valor axiológico dado pelo acréscimo de modificadores avaliativos às expressões nominais.

Ainda é válido salientar que a atribuição de sentido avaliativo é determinada por inferências que se produzem entre o léxico e o funcionamento discursivo, assim, é preciso avaliar o processo textualmente e não apenas localizar expressões recategorizadoras pontualmente.

Portanto, pode-se afirmar por último que a referenciação é um fenômeno complexo dentro do fazer textual, uma vez que se torna propulsora de outros movimentos dentro do discurso seja deflagrar o humor seja orientar a argumentação no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este estudo, constatou-se a importância do processo da referenciação na produção do humor em crônicas. Além disso, vale salientar que a seleção dos termos que formam as expressões nominais referenciais é responsável por ressaltar propriedades ou fatos inerentes ao objeto do discurso, uma vez que denota o ponto de vista do autor do texto acerca desse objeto. Isto é, por ser muito frequente em textos argumentativos, como no caso desta pesquisa, a orientação argumentativa pode ser realizada pelo uso de expressões nominais como uma estratégia de manobra lexical, de modo que permite constatar a opinião do autor sobre o assunto em questão.

Nesse sentido, ao analisar as três crônicas de Agamenon, “Volume Broxa”, “Dilma Sapiens”, “A dieta da Dilma”, foi possível comprovar as hipóteses levantadas inicialmente para a realização deste trabalho de pesquisa. Assim, constatou-se que, devido ao seu caráter multifuncional, as expressões nominais referenciais permitem, em primeira instância, a construção das cadeias referenciais e, em segundo e mais importante para este trabalho, a deflagração do humor e a orientação argumentativa do texto. Isso é possível graças às escolhas lexicais intencionalmente realizadas pelo autor, de modo que, por meio das expressões nominais referenciais, o autor consegue atingir o seu propósito enunciativo.

Conclui-se, então, como se trata do foco investigativo deste trabalho, as expressões nominais referenciais atribuem humor ao texto, visto que os mecanismos de deflagração do humor podem estar relacionados a mecanismos linguísticos ou de ordem ideológica, histórica, social, cognitiva e cultural. Mas, no caso das crônicas aqui analisadas, é ancorada pela mobilização de mais de um recurso.

Nesse sentido, produz-se humor a partir do modo como os objetos de discurso são (re) categorizados à medida que ocorre interação verbal. Para tanto, é de suma importância que o leitor ative seus conhecimentos de diversas ordens, socioculturais e linguísticos por exemplo, por meio das pistas dadas pelo autor ao longo o texto. Com isso, é notório o caráter dinâmico e interativo da construção do sentido, visto que o autor, o texto e o leitor são coparticipantes da significação do discurso.

Ao analisar as crônicas selecionadas, nota-se que essas são declaradamente humorísticas, mas com um tom argumentativo. Visto que, no discurso dessas

crônicas, é sugerida uma reflexão que camufla o riso. Os textos do jornalista fictício denunciam os escândalos políticos e as vergonhas sociais. Tal fato permiti concluir que o humor está a serviço do homem nas suas práticas educativas, pois é científico e racional e, portanto, produzido por meio do discurso, do texto e da linguagem, a fim de que o projeto de fala dê lugar ao riso da satisfação.

Por fim, cabe ressaltar a contribuição deste trabalho não só para os estudos da linguagem e do humor, mas também, pode-se dizer, para os estudos sociais. Visto que as crônicas aqui analisadas relatam fatos pertencentes à história nacional, os quais marcaram o início de uma era de incertezas políticas. Tais fatos não estarão limitados aos registros dos noticiários e, posteriormente, nos livros de História, mas também nos trabalhos acadêmicos, a serviço do homem, para que ele possa compreender a sua sociedade por meio da linguagem.

REFERÊNCIAS

AGAMENON. A dieta da Dilma. **Casseta & Planeta**, 23 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.casseta.com.br/agamenon/2015/07/23/a-dieta-da-dilma/>>. Acesso em: 1º set. 2015.

AGAMENON. Dilma Sapiens. **Casseta & Planeta**, 2 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.casseta.com.br/agamenon/2015/07/02/dilma-sapiens/>>. Acesso em: 1º set. 2015.

AGAMENON. Volume broxa. **Casseta & Planeta**, 25 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.casseta.com.br/agamenon/2015/06/25/volume-broxa/>>. Acesso em: 1º set. 2015.

ARANHA, H. e MADUREIRA, M.. **Agamenon Mendes Pedreira: O homem e o minto** – Memórias de um Picareta Ético. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

APOTHÉLOZ, Denis. **Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual**. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Org.) Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003.p. 53-84.

_____ ; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In BERRENDONNER, A. e REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (eds.) **Du syntagme nominal aux objets de discours**. SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de Linguistique de Neuchâtel, p. 227-271, [1995] 2003.

BASTOS, P. P. Z. Que horas ela volta? Economia Política e Política Econômica de Lula e Dilma. In: Maringoni, G. e MEDEIROS, J. (Orgs). **Cinco Mil Dias** – O Brasil na era do lulismo. São Paulo: Boitempo, 2017.

BERGSON, H. **O riso**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____. et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. 108 Campinas; Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. Referenciação, multimodalidade e humor em tiras cômicas do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva. São Paulo: Pontes, 2017. 2017. No prelo.

CARMELINO, A. C.; SILVEIRA, K. Desnotícia: as escolhas lexicais na construção do efeito de sentido humorístico. **Calidoscópico** (Online), v. 11, p. 250-258. 2013.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. **O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião**. 297f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CAVALCANTE, M.M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: UFC, 2011.

_____. Referenciação e multimodalidade. In: André Valente. (Org.). **Unidade e variação na Língua Portuguesa**: suas representações. 1ªed.São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 163-183.

_____; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. In: AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (Orgs.). **Estudos do discurso**: caminhos e tendências. São Paulo: Paulistana, 2016. Disponível em: <http://cied.fflch.usp.br/sites/cied.fflch.usp.br/files/u31/Livro-CIED-2016-final.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

CONTE, M. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003 [1996]. p. 177- 190.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 71-73.

CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 201p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

_____; MATOS, Jnaica Gomes. Os processos de recategorização na construção avaliativo-argumentativa do texto. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Disponível em <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: ago. 2017.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Contexto**: Uma abordagem sociocognitiva. (Tradução: Rodolfo Ilari). SP: Editora Contexto, ISBN 978-85-7244- 693-8, p. 330, 2012.

ELIAS, V. M. Hipertexto e leitura: como o leitor constrói a coerência? In: CABRAL, A. L. T.; MINEL, J. L.; MARQUESI, S. C. (Orgs.). **Leitura, escrita e tecnologias da informação**. São Paulo: Terracota, 2015, p. 53-74.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003 [1994] - (Coleção clássicos da Linguística).

KOCH, I. G. V; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

_____, I. G. V. Rotulação: uma estratégia textual de construção de sentido. **Calidoscópio**. Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 85-89, mai/ago 2006.

_____, I. G. V. A referenciação como construção sociocognitiva: o caso dos rótulos. **Revista de Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 201-213, jan/jun 2008.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.** v. 14, p.169-1990, 1998.

_____. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção texto e linguagem).

_____, et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. **Gramática do português falado**, v.1, p.143-184.1990.

LAURITO, Ilka Brunhilde in BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde (Org). **Crônica**: História, teoria e prática. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

LINS, Maria da Penha Pereira. O humor em tiras de quadrinhos: Uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda. Vitória: Grafer, 2002.

_____; CARMELINO, Ana Cristina (Orgs.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015.

_____; GONÇALVES, Lorena Santana. **O humor como discurso de prevenção: o cartum sob a ótica da pragmática**. Vitória: PPGEL, 2012.

_____. Os contos de fada na visão de Mafalda: ou até quando vamos ser os frangos da literatura?. In: CARMELINO, A. C. (org.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, p. 112-127, 2015.

MARCUSCHI, L. A. Atos de referenciação na interação face a face. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. São Paulo: Campinas, v. 41, p. 37 – 54. 2001.

_____. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petropolis: Vozes, 1985.

MIGUEL, L. F. A cidadania sitiada. In: Maringoni, G. e MEDEIROS, J. (Orgs). **Cinco Mil Dias – O Brasil na era do lulismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES; B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção clássicos da Linguística).

PAIVA, Maria Helena de Novais. **Contribuição para uma estilística da ironia**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1961.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

_____. **Língua, humor, discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PROPP, V. I. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1985.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

TAFARELLO, M. C. M. de. Quadrinhos e scripts. In: LINS, M. da P. P.; SOUZA JUNIOR, R. C. (orgs.). **Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos**. Vitória: Ufes, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, p. 87-105, 2014

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística. **DELTA**, São Paulo, Educ, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

ZAMPONI, G. O determinante demonstrativo em sintagmas nominais. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, São Paulo: Campinas, v. 41, p. 141-147, 2001.

